

**Ministério Público do Estado de Minas Gerais**  
**ACADEMIA DE LETRAS**

# REVISTA LITERÁRIA

ACADEMIA DE LETRAS DO  
MINISTÉRIO PÚBLICO DE MINAS GERAIS

ANO 6 - VOLUME 6 - 2021



*Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores e não correspondem, necessariamente, à opinião da Revista Literária da ALMP/MG.*

*Os artigos publicados são de propriedade da Revista Literária da ALMP/MG e sua reprodução é permitida somente com autorização dos editores e citação da fonte original.*

R454 Revista Literária da Academia de Letras do Ministério Público de Minas Gerais

Ano 6, v. 6, (jan./dez. 2021) - Belo Horizonte, 2021

Anual

ISSN 2446-8177

1. Literatura. 2. Academia de Letras.

CDU 805.05

---

**REVISTA LITERÁRIA | ACADEMIA DE LETRAS MP/MG | ANO 6 | Nº 6 | 2021**  
**Revista Literária da Academia de Letras do Ministério Público de Minas Gerais**  
**Fundada em 2014**

**DIRETORA**

Promotora de Justiça Tatiana Marcellini Gherardi

**COLABORADORES (AS) NESTA EDIÇÃO**

Allender Barreto Lima da Silva, Bergson Cardoso Guimarães, Duarte Bernardo Gomes, Gilberto Osório de Resende, Henrique da Cruz German, Joaquim Cabral Netto, Luiz Alberto de Almeida Magalhães, Luiz Carlos Abritta, Marcos Paulo de Souza Miranda, Monica Sofia Pinto Henriques da Silva, Roberto Atílio Jávare, Pablo Gran Cristóforo, Sérgio Soares da Silveira, Shirley Machado de Oliveira, Vinicius Alcântara Galvão. Autores convidados: Laryssa Pires Miranda Chaves e René Dentz. Contribuições de familiares de membros do Ministério Público: Alzira Araújo, Cidinha Ribeiro e Luzia Marchi.

**DIRETORIA DA ALMP/MG**

**Presidente** – Duarte Bernardo Gomes

**Vice-Presidente** – Selma Maria Ribeiro Araújo

**Secretária-Geral** – Mônica Sofia P.H. da Silva

**Tesoureiro** – Marcos Paulo de Souza Miranda

**CONSELHO FISCAL**

**Titulares**

Bergson Cardoso Guimarães

Antônio Lopes Neto

Roberto Atílio Jávare

**Suplentes**

Danielle de Guimarães G. Arlé

Sérgio Soares da Silveira

Allender Barreto Lima da Silva

**REDAÇÃO**

ASSOCIAÇÃO MINEIRA DO MINISTÉRIO PÚBLICO

Rua Timbiras, 2928 – Tel (31) 2105-4878

30140-062 – Belo Horizonte – MG

**PRODUÇÃO**

3i Editora (99642-6085)



## **ACADEMIA DE LETRAS DO MINISTÉRIO PÚBLICO DE MINAS GERAIS**

### **ACADÊMICOS**

Allender Barreto Lima da Silva  
Antônio Aurélio Santos  
Antônio Francisco Patente  
Antônio Lopes Neto  
Bergson Cardoso Guimarães  
Bertoldo Mateus de Oliveira Filho  
Danielle de Guimarães Germano Arlé  
Duarte Bernardo Gomes  
Élida de Freitas Resende  
Enéias Xavier Gomes  
Gilberto Osório Resende  
Henrique da Cruz German  
Joaquim Cabral Netto  
Luiz Alberto de Almeida Magalhães  
Luiz Carlos Abritta  
Marcos Paulo de Souza Miranda  
Maria Odete Souto Pereira  
Mônica Sofia Pinto Henrique da Silva  
Octávio Augusto Martins Lopes  
Pablo Gran Cristoforo  
Paulo Cesar Vicente de Lima  
Raquel Pacheco Rodrigues Souza  
Roberto Atilio Jávare  
Selma Maria Ribeiro de Araújo  
Sérgio Parreiras Abritta  
Sérgio Soares da Silveira  
Shirley Machado de Oliveira  
Tatiana Marcellini Gherardi  
Vinicius de Alcântara Galvão

### **PATRONOS**

Antônio Martins Vilas Boas  
Luis Prudente Silva  
Leontino de Melo Chaves  
José Campomizzi Filho  
Alfredo Carneiro Viriato Catão  
Antônio Carlos de Souza Leite  
Tancredo de Almeida Neves  
Levindo Ozanan Coelho  
José Lins do Rego  
Alfredo Cardoso Guimarães  
Alphonsus de Guimarães  
Afonso Arinos de Melo Franco  
Joaquim Cabral  
Antônio Carlos Ribeiro de Andrada  
José Valeriano Rodrigues  
Francisco Pascoal de Araújo  
Nelson Hungria Hoffbauer  
Raul Soares de Moura  
Geraldo Freire  
Virgílio Martins de Melo Franco  
Wenceslau Brás Pereira Gomes  
Rodrigo José Ferreira Bretas  
Alberto Pontes  
Francisco José Lins do Rego Santos  
Aníbal Machado  
Antônio Augusto de Lima  
Iracema Tavares Nardi  
Augusto Márcio Caldeira Brant  
Orozimbo Nonato da Silva



# Sumário

---

## **I – POEMAS E SONETOS ..... 11**

### ***Allender Barreto Lima da Silva***

---

(re) fluxo ...	13
A tatuagem e a palavra ...	14
Cores absortas ...	15
Ímpeto ...	17
Poesia Aí ...	18

### ***Bergson Cardoso Guimarães***

---

O aprendiz ...	19
Hélio Pelegrino ...	22
Santos caminhos das Minas ...	25

### ***Duarte Bernardo Gomes***

---

Ninfa ...	28
Perfil ...	30
Ponte do Além ...	32
Exercício ...	34
Olhos d'água ...	36
Escopo ...	37
Amigo ...	38
Devaneio ...	39
Passos ...	40
Solução derradeiro ...	41

### ***Gilberto Osório Resende***

---

Descampado ...	42
Viagem ...	43
Teu amor ...	44
<i>Stellio</i> ...	45
Taças ...	46
Mesura ...	47
Cautela ...	48
Contrição ...	49

---

**Luiz Carlos Abritta**

---

Na palma da mão ... 50  
Sempre será ... 51  
Vem ... 52  
Ataraxia ... 53

---

**Monica Sofia Pinto Henriques da Silva**

---

Poema I ... 54  
Poema II ... 55  
Poema III ... 56  
Poema IV ... 58

---

**Pablo Gran Cristóforo**

---

Ângulos sentidos ... 59

---

**Sérgio Soares da Silveira**

---

O caminho ... 60  
Da natureza humana ... 62

---

**Shirley Machado de Oliveira**

---

Vitórias, régias ... 63  
Ave ... 65  
Co-ser ... 66  
Isca ... 68  
Congo ... 70  
Striptease ... 71

---

**II – CONTOS, CRÔNICAS, “CAUSOS” E REFLEXÕES .....73**

---

**Luiz Alberto de Almeida Magalhães**

---

Perturbações noturnas em versos Drummondianos ... 75

---

**Vinicius Alcântara Galvão**

---

Crônica - O rosto de Deus ... 80  
Conto - O desabafo ... 93

---

**Henrique da Cruz German**

---

Maravento ... 99

---

***Pablo Gran Cristóforo***

---

Sou fruto de minhas predominâncias ...	106
Silêncio ...	108
O herói ...	110
O moribundo ...	112
Finados ...	115
Escrever ...	117

**III – ENSAIOS E ARTIGOS HISTÓRICOS, LITERÁRIOS E MONÓLOGOS ..... 119**

***Duarte Bernardo Gomes***

---

Jean-Jacques Rousseau: “O Emílio ou Da Educação” ...	121
--	-----

***Marcos Paulo de Souza Miranda***

---

O caminho do comércio entre Minas Gerais e o Rio de Janeiro. Antiga rota de abastecimento da corte e o novo itinerário cultural ...	127
--	-----

**IV – DISCURSOS ..... 155**

***Roberto Atilio Jávare***

---

Ilustres Advogadas e Advogados! ...	157
-------------------------------------	-----

**V – AUTORES CONVIDADOS ..... 163**

***Laryssa Pires Miranda Chaves***

---

Texto 1 ...	165
Texto 2 ...	166
Texto 3 ...	169
Texto 4 ...	171
Texto 5 ...	174
Texto 6 ...	173

***René Dentz***

---

Condição humana ...	176
Confinamento ...	177
Corpos ...	178
Místico ...	179
Indefinições humanas ...	180
Hospitalidade ...	181
Morte ou vida? ...	182

---

**VI – ACADEMIA FAMILIAR ..... 185**

***Luzia Maria Raeli Marchi***

---

Primeiro amor ...	187
Falta de tempo ...	188
Liberdade ...	189
Intimidade ...	190
Cantiga da chuva ...	191
Você ...	192
Como antigamente ...	193
Sofrimento ...	194
Coração agitado ...	195
Passagem ...	196

***Alzira Maria Ribeiro Araújo***

---

Convidado ...	197
Cartas ...	198
Anotações ...	199
Acontecimento ...	200
Registro ...	201
Foi assim ...	202
O que termina ...	203
Epifania ...	204
Descoberta ...	205
Uma Cena ...	206

***Cidinha Ribeiro***

---

Criar para viver ...	207
----------------------	-----

# I

## *Poemas e Sonetos*

---



**Allender Barreto Lima da Silva**

A aurora do dia  
Sempre tão cara à poesia  
Nunca iluminou a minha

Minha poesia é sobra e sombra do dia  
Não projeta, não abre horizonte  
e nem alimenta utopia  
Faço poemas como quem regurgita o arroz  
com feijão do dia

O porvir é muito poético  
para minha poesia

Versejo sem iluminação e espera  
Rumino o instante  
Impregnado de hojes  
Sedento de agoras  
Enfastiado de amanhãs

o hoje  
a imensidão do hoje  
Sopita-me e transborda  
E desse (re) fluxo  
nasce o poema.

**Allender Barreto Lima da Silva**

Em meu corpo vejo flores e pássaros  
Mas eles não entram em meus versos  
Minhas palavras não têm cor  
Tampouco voam  
São ditos rasteiros e apagados  
E doídos

**Allender Barreto Lima da Silva**

A cerveja gelada, o arroz, o feijão e a carne  
O café, a bolacha, a academia, o relógio, os deveres e afazeres  
E até os flertes  
Não têm sabor  
Dizem pouco

Não me deleito com o canto dos pássaros  
Com a aurora do dia  
Com o pôr do sol  
Com a beleza da lua  
Tampouco com a brisa leve que sopra o rosto  
e dizem! acariciar a alma  
A contemplação me foi impedida

Não, não! Não é que tudo seja cinza  
Até enxergo múltiplas cores  
Nenhuma, porém, me diz nada  
Gostaria que o reluzir delas gritasse  
Alvejasse a minha alma

Sigo impassível às cores  
Um dia de tensão no trabalho  
E o livre caminhar pelas calçadas em dias de descanso  
Em nada se distinguem  
Absorto vou à sorveteria com o mesmo ânimo  
e força que faço imputações penais  
Mudam-se os gestos, não a insipidez deles

---

Invejo as pessoas que dizem gostar das coisas  
Umam dizem preferir o frio, outras o calor  
Falam das preferências por sabores, cores, lugares e atitudes  
A princípio acho isso inverossímil  
Uma maluquice, tamanho o descompasso com o real  
Depois invejo

Os meus óculos e a minha língua são de pouca serventia  
Não leem cores e nem distingue sabores  
Mas preciso deles  
As disfunções me mantêm de pé  
Falar delas implica em dar sentido.

Que fique claro. Não sou poeta da morte.  
Acho que as coisas são assim mesmo.  
Não sinto dor e nem sofro calafrios.  
Isso em muito me compraz.

Abaeté/MG, 03 de janeiro de 2019.

**Allender Barreto Lima da Silva**

Nunca sofri ímpeto poético  
Poesia não é rasgo e emoção,  
sangria desatada  
É dor que perturba amiúde  
riso que se disfarça  
palavra que vem e escapa

**Allender Barreto Lima da Silva**

Poesia não mora no céu  
E nem para lá se dirige  
Poesia é o dizer e o não-dizer  
Que brota do chão  
Da boca  
Dos pés  
E das palmas das mãos  
Dos enredos e brinquedos  
Do carro de boi e do opala velho  
Do sabonete ressecado  
há muito não usado  
presente em qualquer banheiro pouco frequentado

**Bergson Cardoso Guimarães**

(setembro/1994)

Do seio da sua aldeia  
Fechado em seu pé-de-meia  
Com a imensa matéria que havia  
Tentou fazer poesia  
Pôs pra fora o coração  
Fez-se parte da imensidão  
Sofreu ao beber da fonte  
E se sentindo ponte  
Foi se deixando estar  
Nasceu assim como é  
Não percorreu muitos livros  
Não conheceu muitos homens  
Nem muitas terras andou  
Mas o verbo lhe incomodava  
Seu peito não se calava  
Então começou *hablar*  
Línguas estranhas e exóticas  
E passou a se comportar de forma ridícula e caótica  
Disseram pra todo o mundo  
Qu'ele havia enlouquecido  
E se estranhando pro mundo  
E se fechando pra tudo  
Só quis perguntar à vida:  
Como nasce o que se cria?

---

Que fazer com essa energia?  
Onde está a poesia?  
Palavras, palavras, palavras... E elas lhe atormentavam  
Imagens, imagens, imagens...  
E elas não lhe deixavam  
Canções, muitas canções...  
E elas só germinavam  
Então começou a soltar  
Tudo que em si quis voar  
Aí vieram os de sua aldeia:  
Mas isso não é poesia!  
Firmes chegaram-lhes os da vanguarda:  
Guarda isso bem guardado,  
E reza pra teu anjo da guarda!  
Lhe disse também o literato:  
Meu filho, o que lhe falta é tato!  
Pois sem parecer ilusório,  
O teu futuro é muito inglório  
Mas sem desistir, então,  
Agarrou-se como um carrapato  
No corpo alegre da vida  
E com a cabeça esquecida  
Sozinho no seu cantinho  
Com muito pouca lisura  
Deixando tanta amargura  
Fez sua própria literatura  
E desde esses brancos dias  
Tem andado (ainda) mais estranho  
Falando a sós com as estrelas

---

Sem ao menos conhecê-las  
E tem também resgatado secretos fluidos no ar  
E compreendido o sentido  
Da palavra “navegar”  
Abandonou aquela roda  
Que alguns chamam *samsara*  
Viajantes de outros ventos  
Recebeu novos alentos  
Relembrando a sabedoria  
Daquela velha titia  
Que ao pé do ouvido lhe dizia:  
Não se preocupe, não  
Tudo isso é poesia  
Se o que falas  
É teu coração  
Não é, não?

**Bergson Cardoso Guimarães**

(Março/1988)

Ainda escuto o velho vento  
Soprando daquela mesma direção  
O sol esquentando as pernas frias  
As montanhas ao fundo:  
A mesma paisagem  
O mesmo passo manso das pessoas  
O sinal das tão calmas manhãs  
Preso ao desenho das casas antigas  
Há quanto tempo  
(uma eternidade talvez)  
Vislumbro  
Dessa varanda mesma  
O silêncio das mesmas visões?  
Acabo de saber  
Acerca da partida de um sábio  
Do desprendimento  
Mineiro na plenitude do entendimento  
Do que é ser de Minas  
Do que Minas representa  
Em nossas almas  
Nossos destinos meninos  
Nossos encontros marcados  
Com a verdade inconsútil  
Ainda calmo e estático  
Mas remexendo a mim mesmo  
Miudando outros sentidos e sabedorias

---

Procuro respostas, e elas não vêm...  
Relembro o antigo poema de Cecília:  
Não há alegria, nem tristeza  
(E nem revolta, nem dor)  
Desfio ainda a imagem  
Do escritor sem livros  
Que amou uma tal Lya  
Desses amores qu'eu gostaria  
Escuto ainda suas mãos  
Bradando aos homens em sono  
Supondo rumos mais lúcidos  
Sem qualquer imposição  
Nessas estradas tão vis  
Em bifurcações  
Escuto  
Agora mais claramente  
Esse homem pensando...  
Pensando tudo à sua volta  
Ainda aqui  
Preso à mesma paisagem  
Sofro de uma forma diferente  
Sem tristezas ou vertigens  
Imprimo o que relembro e sinto  
No longínquo infinito  
Aquieto-me com regozijo  
Da lembrança de suas amizades  
Idades qu'eu gostaria  
Ah!  
Como é duro

Romper esse muro  
Que se mostra intransponível  
À sombra dos ideais  
AH! Meu Deus...  
Como é esquisito...  
Como é difícil...  
Como é solitário  
Ser jovem

**Bergson Cardoso Guimarães**

(julho/1991)

São José do Mantimento  
E também do Mato Dentro  
Do Picu e Passa Bem  
São José da Brejaúba  
Jacuri e Ressaquinha  
São José da Boa Vista  
E também do Paraíso  
Faz permissão de ajudar  
Saibam sim que eu preciso  
Tenho andado em pouco riso  
E não sei onde calhar  
São Joaquim da Serra Negra  
E São Bento do Abade  
Santo Antônio do Riacho  
E também do Rio Abaixo  
Santo Antônio do Calambau  
E também do Chiador  
Da Água Fria, Jacutinga  
Do Amparo e Roncador  
Me amparem porque preciso  
Ando sonhando muito  
E muito pouco dinheiro tenho  
Essa vida tá difícil  
E não tenho pr'onde ir...

---

Nem mode puder partir...  
Assim venho eu rezar,  
E rezo, rezo e me entrego  
Nesses caminhos das minas.  
Me ajude também São Miguel  
Da Terceira Divisão  
Tanto São Miguel das Correntes  
Como Guanhões e do Anta  
São Miguel do Araçonga  
E também do Cajuru  
Me ajude também São Romão  
São Pedro do Avaí  
Me ajude São Sebastião  
Preciso de proteção!  
São Sebastião do Gil  
E São Tomé das Letras também  
São Sebastião da Confusão  
Da Vala e da Ventania  
São Sebastião do Bugre, do Eral  
E Feijão Cru  
Rezo também pras mui Santas  
Que farta força detêm  
Me orientam com braço forte  
Me ajudam como ninguém  
Santa Bárbara do Tugúrio  
Santa Cruz da Aparecida  
Santa Maria de Itabira  
E também do Suaçuí  
Santana do Jacaré

---

E também do José Pedro  
São calma e temperança  
Quando a poeira anda alta  
E o gado num tem comida  
Tristeza num tem partida  
Na santidade infinda

**Duarte Bernardo Gomes**

Das frágeis ninfas  
fluiu uma intensa  
lépida e clara,  
de ternura imensa  
fez perdurar nos lábios  
um amor colosso!

Paixão ... segura prova  
da vida, que no mar, ao fundo  
ligou-se em medo  
dentro desse mundo ...  
“perdidos náufragos  
de inexplicável fim”

Faça, Ponta do Universo rútilo  
de meus prontos afazeres  
e fatigante rispidez  
o alvo de teus prazeres,  
um servo de tuas estrelas  
que beijando-te os pés

---

despe-se de tuas sandálias  
n'alma próxima e querida,  
encontro de pequeno e grande,  
encontro de viver co'a vida  
nas pálpebras do infinito  
que olha e implora por nós!

**Duarte Bernardo Gomes**

Foi algo cheio de faces  
cada face, um traço  
cada traço um detalhe.  
Foi algo cheio de tudo.  
As faces juntas  
entraram em harmonia  
os traços seguiram-se  
os detalhes completaram-se.  
“O céu vermelho,  
um cavalo bravo,  
um cacto sombrio,  
um herói cavalgando.  
As faces juntas  
um traço tirou-lhe a face  
um herói esfacelado  
morto por um detalhe.  
O fundo amarelo  
o clima festivo  
cada face, um sorriso  
cada traço, um enfeite;  
foi comemorado  
mais um aniversário  
sem a face principal:  
A cobertura do bolo  
ficou pro céu vermelho”  
As marés entrelaçaram-se

---

o avião desceu de novo  
o cirquinho pegou fogo  
e o trem seguiu seu rumo...  
Foi algo cheio de tudo  
foi tudo rico em detalhes  
os detalhes prontos nos traços,  
nos traços da minha face  
quando montava despreocupado,  
o belo jogo de cubos ...  
Foi o sétimo ano de vida  
e o resto contido no jogo,  
onde o jogo apodreceu  
as raízes chorosas dos fatos,  
fatos que os cubos formaram.  
-- Consciência do pecado  
persigne-se diante dos cubos  
incertos e prontos  
em todos seus detalhes,  
seus traços, e faces.

### **Duarte Bernardo Gomes**

Por estas perguntas  
constantes, severas  
dispersas ou juntas  
mas sempre sinceras,  
que temo as ideias  
ou meros palpites  
relato de erros e  
de nossos limites.

Por estas perguntas  
com torturas deparo  
em busca às respostas  
ou mesmo amparo  
no fio do silêncio  
enfim, na origem ...  
que calma contempla  
e muito me aflige.

Pergunto ao além  
perfeito e futuro;  
qual ponte conduz?  
ao fruto maduro.  
Percebo a mensagem  
que a luz determina  
em forma de raios  
a verdade ilumina,

---

mas pra qu'eu admita  
em sã consciência  
só mesmo sentindo  
o rigor da imanência,  
o mistério em conflito  
a intenção traduzida  
nos quadros descritos  
ao longo da vida.

E pra que perpetue  
o dileto caminho,  
ao bem, sigam os passos  
por sobre os espinhos  
e o ardente suplício  
talhado na dor,  
mantenha o indelével  
destino do amor.

## EXERCÍCIO

---

### **Duarte Bernardo Gomes**

I

Agora pensando  
no teste  
releio equação  
complicada ...  
um ponto exato  
que preste!  
não liga opinião  
alterada  
nem permite que alguém  
o conteste,  
logo deixa a vida  
amparada  
pelo calço, aquele,  
que veste  
a nudez da equação  
mencionada.  
Agora a demora  
agreste  
quer trazer a menção  
desejada,  
quer dizer a verdade  
do Leste,  
transformar expressão  
encenada  
pelo cínico sinal

---

que investe  
numa mesma lição  
calculada.  
A questão colhe em si  
quem ateste  
existir solução  
desolada,

II

mas, a vida em versão  
tem a veste  
dessa mesma equação  
destacada,  
quero crer que seu traje  
celeste ...  
sejam leis de ciência  
aplicada.

### **Duarte Bernardo Gomes**

Qual é a cor do céu quando olhamos  
para cima?

Qual é a cor do céu, quando milhares de  
gotas, soltas no ar, juntam-se intimamente  
às lágrimas que velam por dois olhos?

A cor do céu nesse instante é uma  
raridade singular, é infinitamente pessoal,  
é a cor que queremos que ele seja, é a cor  
que por momentos conseguimos enxergar:  
Nada mais.

Nem mesmo um eterno brilhantismo pode  
refletir a magnitude de suas cores,  
que são muitas, nem mesmo um “meio-arco”  
acalentador pode incidir sua esplendorosa  
natureza, sobre os olhos.

Clarões prateados, enaltecem o despencar  
das gotas que se misturam.

Clarões imaginados infiltram sua luz na  
essência da visão.

Turbulentos e implacáveis rumores estremecem  
o foco turvo de um olhar, onde pensamentos,  
ideais e até mesmo as cores do céu ...  
não têm uma forma concreta, e sim,  
um enigmático balançar diante de dois olhos.

**Duarte Bernardo Gomes**

Plácida hora  
interior,  
solta como o mimo  
que aguarda a criança  
nos primeiros passos.  
Sólido limite.  
Passos leves.  
Íntimos minutos  
de horas extensas  
gire os ponteiros  
do relógio medieval,  
mostre a face ao sol.  
Como um pingo  
de tinta,  
derramado no papel  
permeável  
estenda os segundos  
em todas as direções,  
que o escopo  
aparecerá.

**Duarte Bernardo Gomes**

Novamente contigo  
dizendo de mim.  
Minha oração  
de intimidades  
desencadeia-se  
como se estivesse  
plantado,  
ao pé de um altar.  
Somos nós ...  
Eu devoto,  
do milagre da amizade.  
Encontro  
tua presença  
afugentando os limites  
da aparência,  
sobretudo amparando  
meus pensamentos  
com tua auréola  
de incentivos.  
Somos nós  
neste pequeno plano  
esteios fraternos.  
Vamos nós  
para além dos sentidos  
novamente  
orar juntos.

**Duarte Bernardo Gomes**

Durma vida ...  
a noite brinca calma  
no teu movimento.  
O repouso do teu sonho  
reaparece estático,  
a quietude dum esforço  
emudece um dia  
que acorda triste.  
Durma vida ...  
durma em regresso milenar,  
descanse num encontro mórbido,  
desvie,  
eflúvios estelares  
que na inconsciência  
contornam teu modelo.  
Não deixe acontecer ...  
aniquile a força  
enclausure o ânimo  
Faça apenas, apenas,  
que tua carcaça sente.

### **Duarte Bernardo Gomes**

Esses passos  
que já passaram,  
passaram despercebidos.  
Neles traços acumulados  
voltaram ser aluídos  
pelos laços entremeados  
que não foram atendidos.  
Agora que já tornaram  
a passar desprotegidos  
que faço!  
com esses passos  
que me foram exibidos,  
passos, milhões de passos  
que me deixaram, como  
um perdido  
e logo se enveredaram  
pro infinito desconhecido.

### **Duarte Bernardo Gomes**

Queira descrever tudo  
o que se passa, com a alma  
quando solitária perambula  
por caminho recolhido.

Queira devolver tudo  
o que se ganha pela alma  
quando amargurada grita  
por amigo conhecido.

Queira esquecer tudo  
o que se fora, mesmo a alma  
quando nome ilustre  
lembra dela constrangido.

Queira entender tudo  
o que se perde, sem a alma  
quando sobra o espaço  
para ela construído.

**Gilberto Osório Resende**

Voejando  
por esse sertão  
tão pródigo de coisas boas  
nem medo mais tenho do escuro  
nem da morte.

É benção de Deus  
me ver cortejar até pardais  
e gafanhotos  
e me enamorar  
de coisas tão apoucadas.

O mundo é gigante  
de calmarias  
se noss'alma  
espelha a fé.

A penumbra é só  
mais um desafio  
para quem aprendeu  
a ver luz no desespero  
e saúde na tristeza.

**Gilberto Osório Resende**

É deveras intrigante  
como a hipnose me assalta  
quando estou às voltas  
com os elixires da mente.

Nenhum calor, nem frio  
sobressaltos, tampouco!

Viajei léguas  
sem me ater ao caminho  
toda flor sem espinho  
cada olhar só carinho.

**Gilberto Osório Resende**

Teu amor  
inverteu toda razão  
explodiu meu coração  
Fez calma em toda aquela dor.

Teu amor  
fez cor no retrato antigo  
fez teto nesse desabrigo.

Teu amor acordou meu sono  
fez flor no meu jardim  
sem se ocupar que  
já era outono.

Teu amor fez pleno esse vazio  
inundou o meu deserto  
com ondas no estio.

Teu amor se revelou  
Só carinho  
meu caminho

**Gilberto Osório Resende**

O embuste  
não aproveita  
nem aos  
camaleões,  
certo que há  
predadores  
que bem  
conhecem  
a cor da verdade.

**Gilberto Osório Resende**

A felicidade  
dá-se à graça  
em tilintar de taças  
e em casas vazias.

As caudalosas lágrimas  
que derramo na saudade  
enxugo-as com lembranças  
de salas sem gentes  
ou de ditosas festas.

Meu canto vazio  
não oculta o prazer  
do vinho que sorvi  
nem pela dança  
que ali se fez.

É de Deus ser feliz  
em qualquer lance  
‘inda que na solidão.

**Gilberto Osório Resende**

O ópio  
dos meus medos  
avulta quando  
deito olhar  
para um canto  
onde aqueloutros  
nunca percebem graça.  
E adormece  
o meu morrer,  
afugentados os fantasmas  
para longe do fumar  
de um bule de café

**Gilberto Osório Resende**

Aquieta-te sobre tua vida.

Tuas virtudes te são obrigação  
mas remansarão feito cinza  
em qualquer jardim esquecido.

Teus defeitos, no entanto,  
viajarão como pólen  
nas alças dos pardais!!

## Contrição

---

### **Gilberto Osório Resende**

Venho de me redimir  
dos malfeitos  
que pranteiam  
a todos que  
me cercam.

Eis a humildade,  
casulo da paz.

Sou do tanto  
que me dou  
a perdoar!

## NA PALMA DA MÃO

---

### **Luiz Carlos Abritta**

Na palma da mão

- aberta-

a doação.

Na palma da mão

- fechada-

só egoísmo.

Na palma da mão

- ferida-

eu vejo Cristo.

Na palma da mão

- crispada-

o sofrimento.

Na palma da mão

- que afaga-

está o amor.

# SEMPRE SERÁ

---

**Luiz Carlos Abritta**

Sempre será.

Sempre será azul quando tu vieres.

Sempre será primavera quando buscares  
o voo do pássaro no céu.

Sempre será infinito quando me olhares  
com a ternura mansa das crianças.

Sempre será verde quando descobrires o  
elo perdido entre o homem e a natureza.

Sempre será futuro quando puderes, com mãos de fada,  
transformar o mundo (submundo) em  
manhã de sol ardente.

# VEM

---

## **Luiz Carlos Abritta**

Vem, que eu te darei a rosa da manhã.  
Vem, que a noite é ânsia e tarda o dia.  
Vem, como o claro raiar da primavera.  
Vem de branco que eu te quero toda.  
Vem no vento que sopra em teus cabelos.  
Vem na hora-síntese da alvorada.  
Vem depressa: a madrugada é nossa irmã.  
Vem buscar-me - sou teu - e o mundo é nosso.

**Luiz Carlos Abritta**

Busquei  
nas profundezas  
o mistério do meu ser  
e  
como não o encontrasse  
desesperei-me.  
Em vãs discussões metafísicas me perdi.  
Hoje, porém, não mais procurarei a razão das coisas.  
Minha vida será assim:  
despreocupada, sem ser inútil,  
vazia, sem ser insípida.  
Uma agitação fugaz poderá sobrevir  
mas passará.  
(Descobri que meu destino é poesia,  
calma  
um pouco de tristeza  
sem melancolia).  
Eu quero ataraxia.

**Monica Sofia Pinto Henriques da Silva**

Tiro os sapatos  
Sinto o chão  
Sinto a pedra  
sob meus pés  
Estava aqui antes de mim  
Estará aqui depois de tantos  
Gasta quieta muda  
a pedra  
Eu.  
Tiro os sapatos  
Sinto o chão  
Sinto o calor  
em meus pés meninos  
neste chão  
Em meus pés crescidos  
de espera.  
A consciência do fim  
Dos pés descalços  
Dos risos  
Das ruas  
E dos pés que não mais estão.  
Tiro os sapatos  
Sinto o chão  
Sinto a pedra  
com meus pés  
Ainda estou aqui  
e posso caminhar.

## POEMA II

---

### **Monica Sofia Pinto Henriques da Silva**

Meu verso vem do espanto  
Meu verso vem do pântano  
Que está em mim  
Meu verso meu verso  
Dói  
Demais  
Meu verso vem do ódio  
Ódio ao tempo  
Que não para não para não para  
Meu verso vem da impotência  
Meu verso vem da dormência  
Que está em mim  
Meu verso meu verso  
Dói  
Demais  
Meu verso explode  
Pasmado  
Sofrido  
Liberto  
De mim.

## POEMA III

---

### **Monica Sofia Pinto Henriques da Silva**

De repente  
Eu me dei conta  
Da permanência.  
Tudo está no mesmo lugar.  
Nada mudou  
ou mudará.  
Vejo as montanhas  
O horizonte rubro  
Tudo está no mesmo lugar.  
Árvores pássaros esse vento  
Sempre vão estar.  
De repente  
Eu me dei conta  
Nada mudou  
ou mudará  
Apenas eu.  
Eu ainda estou aqui  
Eu e o medo  
Eu e a angústia  
Eu e a miséria humana  
De repente  
Eu me dei conta  
Da impermanência.  
Amanhã não mais.  
Não mais.  
Não faz diferença

---

Porque de repente  
Eu me dei conta  
Do que realmente estará:  
O céu vermelho  
O vermelho sangue.  
De repente  
Eu me dei conta  
do que realmente  
Importa  
E não sou eu.

## POEMA IV

---

### **Monica Sofia Pinto Henriques da Silva**

O que me suga  
me transpassa  
me enfraquece  
mergulho  
afogo  
uma duas várias vezes  
não respiro  
não resisto  
não me chamem  
não me salvem  
de mim

### **Pablo Gran Cristóforo**

Gosto dos ângulos, principalmente dos quietos!  
Som distante que se mistura com o silêncio!  
Barulhos que sempre estiveram ali, calados.  
A calma aguçava os sentidos não sentidos.  
Aqui, vejo a amplidão das pequenices e o  
quão grandiosa proporção ganham com a atenção.  
Lugares, gosto assim... sentidos!  
Chego e me aconchego na energia que aflora.  
Sorvo e sigo!  
Estou de passagem, mas, em cada um, minha alma fica!

## O caminho

---

### **Sérgio Soares da Silveira**

Nesse mundo de contrastes

De sorrisos e pesares

Caminhamos, pés descalços

Sempre em frente, com denodo

Cada ritmo pulsação

Mente, corpo, gratidão

O caminho é o destino

O destino, desafio

Atenção desperta inquieta

Aprendizes sem hora certa

Caminho mestre, caminho destino

Linhas tortas, desalinho

Uns se perdem no caminho

---

Outros acham seu destino

Sempre em frente, ao infinito

Tudo passa e também fica

Água, terra, fogo e ar

O sentido é caminhar.

**Sérgio Soares da Silveira**

No alto, de onde tudo observa  
Brilha a lua, perene  
No baixo, rastejam humanos  
Pululam intrigas  
O atento olhar  
Desnuda o falso  
Expõe a chaga  
Fratura exposta  
Não há curativo  
Tamanho a ferida (ardida)  
Mas chega o dia  
No alto  
O sol brilha  
A lua irradia  
No baixo  
A humanidade  
Viva...  
Reviva...  
Sobreviva!  
A tamanho hipocrisia

**Shirley Machado de Oliveira**

Vitórias, régias  
Dourada aura,  
Faiscante passagem,  
Cai o que alto sobe

Disseste: “morte”  
E houve morte

Disseste: “azul”  
E o recanto se pintou

No trivial, elaborou regras,  
Feitiços, ceticismo, pó:  
Quase absoluto nas criações

Passos no limite dos ecos  
Beleza de teus escravos

Por acaso não vê solidão a tua volta?  
Não sente gosto ou fome de algo que não seja cera?

Os espantalhos impedem os pássaros  
Mesmo quando não houver nenhum

---

Mas as vitórias-régias secam e correm  
E o espaço ensurdece  
Adeus à casa de *biscuit* perdida!  
Ao universo sintético  
Em que a verdade não mora

As asas se soltam num cair fatal.  
Nada segura a tempestade.

**Shirley Machado de Oliveira**

Espelho-céu, digital do dia não repetível  
Aqui, o frasco entorna-se  
E a grandeza celeste azula o ser, derramado  
Não há borbulhas ou gorgolejos  
Só o silêncio do vaso repleto  
Nesse cair sereno,  
Misturam-se âmagos  
E na criatura o infinito imprime  
O ser alcança-se deus  
Solar, o inverso brilha  
E se dilata  
(tudo lhe é possível)  
E percebe que seus limites,  
Outrora justos e intensos,  
Afrouxam-se por capricho  
E se alargam como a estrada  
A face avista o invisível  
E para lá, a alma navega  
Sabendo que a luz a lhe ligar  
É sua própria candeia,  
Jamais apagada  
Ave-alma!

**Shirley Machado de Oliveira**

O destino faz capa  
De momentos retalhos  
Força bruta do que escancara:  
O óbvio, as iras, os desejos...  
Ou nos entre-pontos,  
Detalhes coloridos e negros,  
Do que se esconde ao toque  
Aguilha, para-raio de vibração,  
Junta sem acaso fatos e baques,  
Num repique ensaiado  
Mas também há tesoura  
(o que seria da costura sem ela?)  
Para partir, quando partir for preciso  
Criar o novo além do início  
O diferente dos todos pedaços juntos  
A alma do que é feito de alma  
Desmanchar o ponto até o erro  
Sem apego à imagem torta  
Deixar rir a linha marcada e  
Recomeçar com vontade  
A costura!  
Nexos, contextos, elos  
O pano abraça a linha, que perfura espaços,  
Que prega peças, que faz história  
O dia é um coser...  
Roupas caras, caras, sujas

---

Cor, sem cor, de dor  
Creem uns, caída do céu  
(lírios do campo):  
Medo de compor acordado  
Veem outros os passos a andar,  
Escolha de tecidos e pele:  
Luz no amar  
Véu enorme ou  
Botão repregado,  
Fio em fio,  
Partir e alinhar,  
Remendos e remendados,  
Todos somos todos,  
A colcha.

**Shirley Machado de Oliveira**

Fração, parte.  
Somos rascunhos minguantes  
De uma obra de arte possível  
Donos do mal e não no tempo  
Ancião que lapida as certezas  
No golpe de cada ciclo.  
Destruição e construção:  
Renascimento.  
Somos novos  
Somos noite  
Onde a luz de tanto mistério  
Nos apresenta a humildade  
O despir quase completo do ser.  
Depuração.  
Crescimento  
Moral de toda história  
Tema de toda ópera  
Razão máxima, de nós, mínimos  
Discurso sereno das coisas  
Colhidos como a flores  
Existentes em todo lugar.  
Até o instante em que se está cheio  
Submersos em percepção e paz  
Invadidos de uma força estranha e branca  
Desenhada de mares  
Como isca do grande pescador

---

A nos elevar a face e o foco  
A nos despertar a fome e a fé  
Nos abrindo para o imensurável.  
Metamorfose e infinitude:  
Simbolismo da vida.

**Shirley Machado de Oliveira**

Tá caindo flor!  
Tá caindo flor!  
Por dentro e à volta  
Sim! Liberdade!  
Caminha, descolorida,  
Pra luz do dia  
Que a sombra é o desenho de teu corpo belo  
Jamais tronco ou elo  
Vem serena e sente  
Os pés livres pisando a terra emprestada.  
Não têm preço as canelas!  
Dance, cante, o que mais quiser  
Que o silêncio não rouba a voz  
Nem o mal, a humanidade  
Sai pra vida, porque és a própria flor  
Que cai e tapeteia o cenário  
Escolha teu aroma, teu credo,  
Teu prato, teu retrato, teu dono  
Todo lugar te aguarda  
E a paisagem, teus cachos rebeldes  
Vem brilhar teu rastro de espelhos  
Onde vejo minhas partes  
E com teu som e tua arte  
Fazer minha a tua história.

**Shirley Machado de Oliveira**

Um dia procurei óculos  
(sempre gostei de ver).  
Encontrei um de sol,  
Em que meus olhos ficavam escondidos  
E eu podia olhar para quem quisesse.  
Mas, com o tempo,  
A transparência veio chegando...  
Usei outro, num estilo copiado,  
Mais ou menos translúcido,  
E enxerguei melhor.  
Porém, era pesado,  
E não combinava com minha face.  
Desisti  
E estava sendo radical.  
Então, por fim, tomei mais um,  
Fino e delicado.  
A imagem ficou límpida!  
Agora estou a meditar  
Sobre o que fazer com tantas verdades.



## II

*Contos, Crônicas, "Causos" e Reflexões*

---



**Luiz Alberto de Almeida Magalhães**

Dentro de uma hora será noite. Dentro de uma hora maravilhosa, pois nada é mais belo do que esta cor que pouco a pouco se esmaece e se vai degradando, e depois, no interior das casas, as trevas se vão elevando do chão até que por fim os fluxos negros silenciosamente se reúnem nas paredes e nos arrastam em sua obscuridade. Temos nesta hora a impressão de que os semelhantes que nos são familiares na sombra, se tornam mais velhos, mais estranhos e mais afastados, como se nunca nos tivéssemos conhecido e separados por grande distância e um período de muitos anos. Nessas condições ouve-se com demasiada angústia o relógio decompor o tempo numa centena de pequenos fragmentos e no silêncio a respiração se torna ruidosa como a de um enfermo. E por assim me expressar, quero narrar-lhes uma história apropriada para esta hora, que só gosta verdadeiramente do silêncio. E desejo que ela provoque no leitor, momento de êxtase permitindo ao sangue melhor fluidez.

Tomou o seu costumeiro chá, o que lhe provocava certo torpor para um bom sonho, vindo-lhe à mente a vontade de ir ao computador e inserir o pen drive com as fotos da ex-amante, com quem convivera, não sob teto, mas em encontros furtivos em motéis e recantos outros que marcaram presença. Ali, naquela miúda peça tecnológica, que ele aprendera a lidar com um amigo, estavam fotos da amada em trajes formais, outros íntimos, e que o deliciavam, agora, amarguradamente, virtualmente, com o rompi-

---

mento do relacionamento de tantos anos. Eram fotos recentes, o que lhe agradava e lhe dava prazer de deliciar-se, sabedor que ela não mudara de feições ou mesmo envelhecera. Era como se a tivesse ao seu lado, enamoradamente. Deslumbrado com as fotos (trazia escondida a pequena peça de seus desejos e devaneios em seu cofre, do qual somente ele tinha o segredo) ia para o quarto deliciar-se com o que acabara de assistir no monitor do computador.

Já tempos dormia em quarto separado do da mulher e os motivos não vêm ao caso para serem relatados ao que se propõe a história. Deixava acesa a tênue luz do abajur de cabeceira e, mirando o teto, recordava-se dos momentos febris e calorosos que tivera com a amante, e que tanto bem lhe faziam ao espírito naquela hora da noite, no recôndito de seu quarto. Sentia-se bem e mais saudável com aquelas lembranças e remoía-se para se explicar se bem fizeram em terminar um romance de tantos anos. Ela, sem dúvida, oferecera-lhe alegria e muito prazer. Terminaram pela internet, por fatos que, tempos depois, considerou idiota, mas, orgulhoso, não a procurava (usando o e-mail ou o telefone do escritório). E assim, sofria com as lembranças das fotos que lhe provocavam êxtase e excitação.

E, a bem da verdade, fatos outros não podem ficar escondidos ao leitor, naquilo que lhe trazia, à noite, as lembranças da amada. Não se sabe por quais elucubrações, em determinados dias da semana já deixava o escritório do trabalho com a fixa ideia de que ia enlevar-se virtualmente com a imagem da amante. E já acomodado no carro, sintonizava a emissora de rádio que havia sido eleita a predileta de ambos e, adentrando a casa, comportava-se como qualquer marido que chega cansado do trabalho; e no começo da madrugada, quando móveis e talheres já estavam adormecidos, ia direto para o quarto que fazia de escritório, e ali

---

deleitava-se com as imagens da bela e sensual mulher. Cada momento lhe tinham os próprios significados especiais deles e recordações. Admirador e leitor de Carlos Drummond, tocavam-lhe a mente versos sempre ligados à pessoa da amada, como “em vão percorremos volumes, / viajamos e nos colorimos. / A hora pressentida esmigalha-se em pó na rua”. E com suas palavras, mentalmente viajava e se coloria nos braços e abraços dela, oportunidade em que lhe era devolvida a vontade de viver freneticamente, beijando-a e deitando-a em seu ombro, sentindo o forte e ébrio perfume dela. E era tão forte a presença dela naquele ambiente. “Visito os fatos, não te encontro. / Onde te ocultas precária síntese, / penhor de meu sono, luz/ dormindo acesa na varanda?”. Tinha palavras presas na boca, ocultas, e não podia pronunciá-las aos ouvidos dela, para que os sentidos de ambos explodissem num gozo comungado. “Calo-me, espero, decifro. / As coisas talvez melhorem. / São tão fortes as coisas!”

Hoje, largado, ele era gente cortada. Renegava aquela silenciosa madrugada por não a ter ali ao lado, o que não eliminava o medo de não conciliar o sono e com ele a certeza de possuí-la em sonho. “E continuamos. É tempo de muletas”. - É tempo de viver e de sonhar -, pensava. Suas histórias, dele e dela, complementares, que não se perderam. “Há soluções, há bálsamos/ para cada hora e dor”. Tempo tão difícil para ele, depois que ela se calou... - desgraçados ambos? -, revoltava-se. Era um tempo de silêncio, de meio silêncio porque ela não estava ali para compartilhar com dedos entrelaçados e boca frenética pronta para o beijo. Desejava, fortemente, ouvir a sua voz sussurrando palavras que pudessem confortar a sua alma, como desejava ainda sentir a batida de seu coração. E se não chorava, lamentava, prometendo a si mesmo que iria destruí-la como uma pedreira, uma floresta, um verme, tal era a sua ira pela ausência dela. “Há dias em que ando nas ruas

---

de olhos baixos/para que ninguém desconfie, ninguém perceba/que passei a noite inteira chorando”. Mas, consciente estava que a noite vem para trazer lembranças, como o dia nasce para dissipá-las, e assim, sucessivamente, vão morrendo para que um dia morram. Até que um dia morrem para sempre. “A ausência é um estar em mim”. Um barulho se ouve no andar do apartamento de cima. – Como eu, nem todos dormem – pensa.

Bela e radiante era aquela mulher-paixão-sofrimento que lhe comia as entranhas: tinha uma silhueta esbelta, sinuosa, balouçante de mulher bem tratada e elegante. Panturrilhas de curvas harmônicas, tornozelos finos e cinturinha delgada a lançar-se em seios bem-feitos, ombros equilibrados, comparáveis à largura dos quadris, cabelo fino, castanho, preso em rabo de cavalo na maioria das fotos, desalinhados ou comportados quando elegantemente trajada. Uma verdadeira deusa. As feições em harmonia e delicadeza: lábios cheios que adornavam uma fina fileira de dentes brancos, nariz pequeno, ligeiramente arrebicado, pomos do rosto ressaltados e olhos que pareciam refletir o tom dos cabelos. A beleza ainda não lhe tinha partido e tão cedo não partiria, porque ela sempre fora a mais bela entre as mais belas, e a beleza demora algum tempo para ir de vez. Foi com ela que descobriu que não há nada mais atraente no sexo do que conspurcar o que não deve ser conspurcado. Nessa transgressão estava todo o prazer que ela lhe dava. Com ela os conceitos de virtude, respeito, amor, carinho, todos foram adquirindo sentidos ao reverso, mas sem deixar de ser virtude, respeito, amor e carinho que até hoje permanecem em suas recordações. “A ausência é um estar em mim. /E sinto-a, tão pegada, aconchegada nos meus braços, /que rio e danço e invento exclamações alegres, / porque a ausência, essa ausência assimilada, / ninguém a rouba mais de mim”. Não sabe como evitá-la, mas sabe como encontrá-la na tecnologia da tela do computador.

---

E isto lhe basta, ou finge bastar, para tê-la ao seu lado. “Eu te amo porque não amo/ bastante ou demais a mim. / Porque amor não se troca, / não se conjuga nem se ama. / Porque amor é amor a nada, / feliz e forte em si mesmo”. Não aguenta mais tapear o sono, - afinal, dois ex-amantes que são, senão dois inimigos? -, questiona-se. - Prejudicando-lhe o sono, o que seria ela, que não também sua torturadora? -, ainda se perguntava. Só no seu quarto, continuava ele a refletir, ouvindo a noite cochichante. O tempo pareceu ter parado. Todos os ruídos são confusos e estranhos, incomodam mais do que o silêncio. Um cão ladra ao longe, sibilou: “Se em toda parte o tempo desmorona/ aquilo que foi grande e deslumbrante, / o antigo amor, porém, nunca fenece/e a cada dia surge mais amante”. E a conspirar-lhe a alma, novamente Drummond volta ao seu delírio quando dizia: “depois de te perder/ te encontro, com certeza/ talvez num tempo da delicadeza/ onde não diremos nada/ nada aconteceu/ apenas seguirei/ como encantado ao lado teu”. Perturbado, seus olhos assumem uma expressão de animal batido, os lábios tremem. Socorre-lhe a sombra de Drummond ao impingir-lhe que “há dias que ando na rua de olhos baixos/ para que ninguém desconfie, ninguém/ perceba”. Pode-se dizer, com certeza, que naquele momento ele era como um fio d’água que não chegou a ser rio. Introverteu-se e sentiu que toda dor é covarde. Desligou o computador, estendeu a cama, deitou-se e procurou dormir.

**Vinicius Alcântara Galvão**

I

Se há um traço comum nas obras dos neoateus, como Richard Dawkins ou Sam Harris, é a constatação, muitas vezes escorada como uma descoberta exultante de que o ateísmo é uma decorrência umbilical da inteligência. Outro caminho não seria possível, a menos que se fizessem concessões à ignorância ou à sedimentação dos costumes. Por qualquer outra via, e isso lhes parece ser o óbvio ululante, o discurso religioso se desmontaria como um castelo de cartas. Por isso, o sentido propagandístico ou de cruzada dos livros, com uma intenção explícita de converter os néscios e ingênuos, e por outro lado, colocar uma pá de cá no enterro de Deus, visto que sua morte já foi anunciada com todas as pompas filosóficas e científicas, pelos menos desde a segunda metade do século XIX.

Concordo com Theodore Dalrymple de que o sucesso desses livros se justifica como uma reação em face do Fundamentalismo. Toda vez que escutamos essa expressão no Brasil, logo nos lembramos dos extremismos mulçumanos, embora o termo tenha sua origem no Movimento Protestante norte-americano que defende uma interpretação literal da Bíblia.

Um biólogo aclamado como Dawkins, que é um adepto fervoroso de Darwin, deve eriçar os pelos ao ver que esses grupos religiosos pretendem que as teorias do Insight Inteligente ou do Criacionismo sejam ensinadas nas escolas *pari passu* com o Evo-

---

lucionismo de Darwin, cabendo aos alunos, diante da apresentação de um cardápio tão amplo, escolher os termos e iguarias que mais lhes convêm.

‘Um absurdo inominável’, é o que pensam; e por isso a necessidade de defender a Ciência, com unhas e dentes, contra o obscurantismo. Os leitores desses livros também se imbuem desse espírito. Muitos chegam a dizer, numa espécie de profissão de fé, que não conseguem entender como alguém é capaz de acreditar em Deus. ‘É um conhecimento incompatível com a cultura filosófica’, me disse um colega no ‘Bandeirão’ da Faculdade de Direito da UFMG. “Mas e o Pe. Vaz? (sabia que ele o reconhecia como o principal filósofo brasileiro) “Como você sabe que ele acredita?”, replicou ainda confiante. ‘Ora, um Pe. ateu é algo impossível”, disse, enquanto o via soltar um muxoxo blasé.

A postura arrogante e professoral dos neoateus é criticada também por muitos pensadores. Mas se é certo que o espírito sofisticado dos ateus mais antigos como Marx, Freud e Feuerbach (apenas para contrapô-los aos atuais), é mais requintado do que os contemporâneos, não se pode deixar de reconhecer que eles também enxergavam a religião como uma espécie de antítese à razão. Freud não escondeu sua irritação ao lamentar que Dostoiévski (uma inteligência que ele tanto admirava), depois de fruir por um longo tempo o assunto como angústia, tenha afirmado sua crença no cristianismo.

“Após violentas lutas para conciliar as exigências do indivíduo com as reivindicações da sociedade humana, ele (Dostoiévski) cai de maneira retrógrada, na submissão tanto à autoridade secular como a espiritual, na veneração ao czar e ao deus cristão, e num estreito nacionalismo russo, uma posição a que chegaram, com menos esforço, espíritos menores. Eis o ponto fraco dessa grande personalidade. Dostoiévski jogou fora a oportunidade de

---

se tornar um mestre e libertador dos homens, filiou-se aos carcereiros destes.”<sup>1</sup>

De novo, e andando em círculos, observamos o argumento central, quer seja em tintas antigas ou renovadas. Dawkins, em “Deus, um Delírio”, explica, numa interpretação pra lá de tendenciosa (a sutileza nunca foi seu ponto forte) o porquê de alguns nomes da ciência serem religiosos. Para início de conversa, diz que a maioria esmagadora dos cientistas são ateus; e quanto aos nomes de Newton, Kepler, Copérnico e Michael Faraday, justifica a crença deles apenas pelo contexto histórico e social que os impedia, ou quando menos, os desencorajavam à tomada de atitudes antieclesiais. No fim, e dando o devido tom de deboche (máximo da descaracterização alheia) diz que nomes como o de Francis Collins (Coordenador do Projeto Genoma Humano), são alvos de uma “perplexidade divertida por parte de seus pares da Comunidade Científica”.

Ponto. O ateísmo sempre invocou o uso exclusivo da razão, e continua a fazê-lo, deixando de lado, ou simplesmente menosprezando o esforço secular para se conciliar a razão com a fé em Deus. Nomes, como os dos árabes Avicena e Averróis; do judeu Maimônides e de São Tomás de Aquino se empenharam na tarefa de compatibilizar suas crenças com a Filosofia.

Mas em um debate tão emotivo quanto esse, o que menos se faz é posicionar os argumentos contrários na perspectiva correta. Tudo ou praticamente tudo que é visto, é logo sobreposto como justificativa a enaltecer os pontos particulares e, conseqüentemente, a soterrar os rivais. Por tabela, não se abre mão do ‘sagrado direito de morrer abraçado às próprias ideias.’

---

<sup>1</sup> FREUD, Sigmund. Obras Completas, vol. 7, Dostoiévski e o Parricídio. Tradução de Paulo César de Souza, 1ª edição, São Paulo, Ed. Companhia das Letras, 2014, p. 339.

---

No fim das contas, entretanto, o que vai determinar a adesão ou simpatia a essas correntes de pensamento continua sendo um mistério, ou algo forjado no terreno das predisposições. O filme “A canção de Bernadete”, filmado no ano de 1943 mostrou esse ponto com maestria. A história se passa na pequena cidade francesa de Lourdes, na segunda metade do século XIX. Uma adolescente (tão bem retratada por Jennifer Jones- que recebeu o Oscar de Melhor Atriz) começa a ter visões da Virgem Maria, que lhe pede para cavar um poço, cujas águas têm o poder de operar milagres, e curar os enfermos. A notícia logo se espalha por toda a França, gerando reações opostas, e igualmente emotivas. As autoridades locais, lideradas pelo Promotor imperial procuram, a todo custo, demonstrar a falsidade da história. São instauradas sindicâncias, e em todas elas o que se observa é a sinceridade da jovem Bernadete. No final de sua curta vida, ela agoniza e morre. As águas não serviram para lhe curar, como já lhe tinha advertido a Santa. “Não prometo fazer-te feliz nesse mundo, mas sim no Outro.”

Em janeiro de 1862 o Monsenhor Bertran Séveré, bispo de Tardes, reconheceu oficialmente o relato das aparições, e Bernadete é chamada de a Santa Dormente, pois 30 anos após sua morte, seu corpo foi exumado, e para espanto geral, continuava incrivelmente intacto. O Santuário de Lourdes recebe mais de 6 milhões de peregrinos por ano.

No final do filme, o Promotor é atacado por um câncer na garganta; mas como um autêntico cético não sucumbe à tentação de se servir das águas em busca da cura. Para ele, todos aqueles fatos não passavam de meras crendices, e uma inequívoca demonstração de ignorância. A cena em que ele se agarra às grades da gruta, e professa sua falta de fé, é tocante. Ali estava um homem verdadeiramente incrédulo, e para quem os apelos religiosos nada significavam.

---

O filme se inicia com a frase de Santo Inácio de Loyola, dita também, com ênfase, pelo bispo:

“Para os que creem nenhuma explicação é necessária; para os que não creem, nenhuma explicação é possível.”

Essa frase diz muito sobre as “verdades religiosas”, e aqui destaco 2 pontos:

1º) Ter certezas no plano do absoluto é complicado. Como disse Shakespeare: “Existem mais coisas entre o Céu e a Terra do que prevê a vã filosofia.”

2º) A inteligência não leva inexoravelmente ao ateísmo. Ponto. E isso é uma constatação, embora os neoateus, numa clara intenção de propósitos, queiram afirmar exatamente o contrário. A quantidade substancial de inteligências (e aqui abro o campo) científicas, literárias e artísticas que creem em Deus confirma nossa assertiva. Uma história real retrata bem esse segundo item:

No começo do século XX, Einstein era o grande nome da Ciência, e trabalhava com a ideia de um Universo eterno e infinito. Para contrabalançar a gravidade, e impedi-la de colapsar a matéria, ele pensou numa constante cosmológica (mais tarde penitenciou-se pelo que considerou o seu maior erro). Em 1927, portanto, 02 anos antes de Edwin Hubble observar, pelo efeito Doppler (o desvio para o vermelho), que as galáxias estavam se distanciando uma das outras, um físico belga, Georges Lemaître, criou a Teoria do Big Bang. Na verdade, a chamava de Ovo Cósmico ou Átomo Primordial, e o nome Big Bang veio de uma crítica de Fred Hoyle, que até antes de morrer, em 1949, continuou um ferrenho adversário da nova ideia.

O incrível de tudo isso é que Lemaître era um padre! O Papa Pio XII animou-se com a descoberta. A constatação de que o Universo, de repente, deixava de ser eterno para ter um começo ia ao encontro do discurso religioso. Então houve um *Fiat Lux*, pensou,

---

exultante, o Pontífice. Mas Lemaître, tendo em vista a nítida demarcação de onde começam e terminam, respectivamente, seus aspectos religiosos e científicos, refutou o anúncio, ou a elevação do Big Bang a Dogma Católico. Ir por esse caminho seria patinar em falso, e ele, um religioso convicto, continuou suas pesquisas, e ainda viveu para assistir, em 1965, ao “aceite definitivo” da concepção de que foi pioneiro. Através da Radiação Cósmica de fundo, o mundo reconheceu o Big Bang com uma das maiores descobertas científicas de todos os tempos.<sup>2</sup>

Isto tudo mostra que a relação entre a Ciência e a Religião, que não é necessária, e já foi historicamente fonte de atritos, pode ocorrer, inclusive, no plano pessoal. Freud lamentou a escolha de Dostoiévski, mas a opção deste grande escritor de viver a religião como um conflito mostra a vastidão do tema.

Não ter certezas, ou quando menos, reconhecer dificuldades em um campo sem verdades irrefutáveis, mais que uma demonstração de prudência, é uma condição de muitos espíritos que simplesmente não conseguem crer, embora o desejem.

A intuição, por sua vez, guia outros tantos a percursos valerosos e respeitáveis. Dizê-la inferir à inteligência é desconhecer que a própria razão tem seus limites. Para lá desse terreno, se é que se pode dizer assim, a verdadeira humildade, quebrando um pouco sua rigidez monástica, se permite um capricho e sorri de nossa vã prepotência.

---

<sup>2</sup> Fontes: Revista Super Interessante (“Um padre foi o primeiro a propor o Bing Bang. E o Vaticano...”); <https://brasil.elpais.com> (“A ‘mais bela’ explicação sobre a Criação”).

---

## II

Numa das suas inúmeras tentativas de desacreditar a religião, Dawkins menciona uma frase do advogado norte-americano Clarence Darrow: “Não acredito em Deus, pois não acredito na Mamãe Ganso.” Pondo mais lenha na fogueira, cita como exemplos de coisas parecidas com a religião (e daí o seu afã de enquadrá-las no mesmo saco) o unicórnio invisível e o monstro do espaguete voador.

Ancorado no pressuposto de que nenhuma dessas histórias podem ser comprovadas, ele ainda se vale de analogias infantis para ligar a religião a algo, que pelo visto, não passa de fantasia. O forte de sua tese é a petrificação do argumento contrário (para que possa, ao menos em seu esforço retórico, estigmatizar primeiro o outro, e deixá-lo de preferência, bem exposto aos deboches), pois se todas essas coisas são iguais (religião, unicórnio invisível e monstro do espaguete voador), por que levá-las a sério?

No entanto, há um erro de dosagem no argumento (para ficarmos só neste quesito). Dizer que o unicórnio invisível e a religião estão no mesmo nível de conhecimento é falacioso. O unicórnio, como o Mickey Mouse ou a Branca de Neve pertence à fantasia, mas Deus, ou o que quer que esteja ligado às causas da existência, continua além da possibilidade de entendimento, e este nível de indefinição (o último) permanece intransponível à razão. Daí a sua singularidade, e diferença com todos os outros pensamentos.

Também, se analisarmos a argumentação com os olhos voltados às suas consequências, veremos que ela é mais de fundo emotivo e experimental que lógico. Em um documentário sobre Guimarães Rosa, Antônio Candido conta que os dois conversavam em um restaurante em Gênova, à beira mar, quando lá pelas tantas, o crítico literário declarou que era socialista. Rosa respondeu que achava perfeitamente aceitável a utopia, e que por ele,

---

todo mundo seria igual e feliz, mas esse não era um problema fundamental, já que a única pergunta fundamental é saber se Deus existe. Na hora, me lembrei de uma fala de Riobaldo, no Grande Sertão: Veredas:

“Estremeço. Como não ter Deus? Com Deus existindo, tudo dá esperança. Sempre um milagre é possível, o mundo se resolve. Mas, se não tem Deus, há de a gente perdidos no vaivém, e a vida é burra.”

Este é o ponto central. O tema da existência de Deus é algo que, na essência, diz respeito aos sentidos.

Freud, se distanciando do marxismo, que via a divindade como uma espécie de ópio do povo, recorre ao conceito de desamparo. O indivíduo, diz ele, por mais músculos ou dinheiro que tenha, nunca se libertou da insegurança primária, quando, ao menor sinal de perigo, corria na direção dos pais.

Aqui, me parece que os conceitos de causa e efeito são tomados indistintamente. A fraqueza humana é incontestável, mas ela não prova nada além de sua própria existência. Não é porque o homem seja frágil e necessite dos pais, que estes sejam uma invenção. Absolutamente. Assim, também, em relação a Deus. Se somos criaturas que vivem sem saber o porquê de as coisas existirem ao invés do nada, é natural que sobressaia a carência, pois há sempre um além que nos conforta ou inquieta. Portanto, a “comprovação” da inexistência de Deus pelas fraquezas humanas, é um argumento que além de insatisfatório, é ilógico.

Nessa altura do campeonato, talvez nem fosse razoável indagar se não é petulância da minha parte abordar uma matéria tão espinhosa, mas se o faço, é porque o assunto, de certa forma iguala a todos: filósofos, pessoas comuns e teólogos sob o mesmo teto: a impossibilidade de estrangular por completo o argumento contrário.

---

Sobre a religião, três questões me instigam: o que é Deus, o porquê do silêncio divino, e a sensibilidade, que leva uns a acreditarem, e outros, não.

Do primeiro ponto, somos influenciados pela filosofia, que desde seu surgimento na Grécia Antiga estimula os ocidentais a buscarem a razão das coisas. A procura de justificativas inerentes aos fatos, e não de superstições, desencadeou a necessidade de decodificarmos a realidade através de um discurso acessível. Mas aí esbarramos em um patamar insólito. É possível dizer o que é Deus? Quais seriam as definições possíveis: o motor imóvel? a inteligência suprema? Curiosamente, esta é uma dança de caranguejos, pois não existem condições de entendermos conceitos que estão além do tempo e espaço. Os orientais nunca se perturbaram com tal dilema. “Lao-tsé, Tchuang rejeita não só as opiniões correntes, mas também ciência discursiva. O único conhecimento perfeito é o conhecimento de ordem extática...O santo que esvaziou seu espírito de todos os condicionamentos e emergiu da unidade-totalidade do tao vive num êxtase ininterrupto.”<sup>3</sup>

O máximo que as religiões orientais dizem é: alcance o nirvana. Daí para frente, tudo é vedado ao discurso.

Mircea Eliade ressalta que era conhecida a recusa de Buda em se arrastar por qualquer tipo de especulação. Isso ficou notório em um diálogo que teve com Malunkyaputta.

“Queixava-se esse monge de que o Bem-Aventurado deixasse sem resposta problemas tais como: é o Universo eterno ou não? Finito ou infinito? É a alma a mesma coisa que o corpo, ou diferente? ... Conta-lhe então Buda a história do homem ferido por uma flecha envenenada. Seus amigos e parentes trazem um cirurgião, mas o homem grita:

---

<sup>3</sup> MIRCEA, Eliade. História das Crenças e das Ideias Religiosas, Volume II, Zahar editora, tradução de Roberto Cortes de Lacerda, Rio de Janeiro, 2013 págs. 35-36

---

*Não permitirei que esta flecha seja extraída enquanto não souber quem me feriu, se foi um xátria ou um brâmane, ... a que família pertence, se é grande, pequeno ou de estatura média, de que aldeia ou de que cidade vem; não deixarei que a retirem antes de saber com que espécie de arco atiraram em mim, ... que corda foi utilizada no arco, ... que pena foi usada na flecha, ... de que modo era feita a ponta da flecha.*

O homem ia morrer sem saber essas coisas, prossegue o Bem-Aventurado, da mesma forma que aquele que se recusa a seguir a voz da santidade antes de resolver tal ou qual problema filosófico. Por que motivo se nega Buda a discutir tais coisas? ‘Porque isso não é útil, não está ligado à vida santa e espiritual, não contribui para a aversão ao mundo, para o desprendimento, a eliminação do desejo, a tranquilidade, a penetração profunda, a iluminação, o nirvana!’<sup>4</sup>

Stephen Hawking acredita ter encontrado a prova da inexistência de Deus pela análise do tempo e das flutuações quânticas. Como as partículas elementares nascem do “nada” Deus se tornou “desnecessário”. Certa vez ouvi o físico Marcelo Gleiser criticar o colega, e dizer que este conceito de “nada” não é tão vazio quanto sugere o nome, já que nele estão contidas flutuações quânticas aleatórias, e, portanto, “existentes”. O nada é algo impalpável. Kant, já advertia que a razão pressupõe o tempo e o espaço. Sem eles, simplesmente não se pode falar em realidade.

O segundo ponto, “o silêncio de Deus” se liga ao problema do mal. Se Deus é bom, por que permite tantos sofrimentos? À primeira vista, é razoável pensar que Ele poderia já ter se mostrado de forma explícita. Se todos pudessem ver o seu Rosto, as dúvidas seriam eliminadas. Confesso que o item incomoda, e em algumas

---

<sup>4</sup> ELIADE, obra citada, pág. 90.

---

oportunidades me senti tentado a dar razão aos agnósticos, até que numa tarde mormacenta li uma passagem de Simone Weill citada por André Comte Sponville:

“Alguns imaginam Deus, antes da criação, como insatisfeito consigo, como um aluno exigente que escrevesse, à margem de seu próprio dever ou de sua própria divindade: ‘Pode fazer melhor’..., Mas não: Deus não pode fazer melhor do que ele é, nem mesmo igualmente bem...Deus, se quiser criar outra coisa que não ele, isto é, criar, só poderá fazer *menos bem* que a si mesmo. Melhor dizendo, ou pior: Deus, já sendo todo o bem possível e não podendo, por conseguinte, aumentá-lo, só pode criar o mal! Daí, este nosso mundo. Mas então: por que cargas d’água tê-lo criado?

Continua a filósofa: “O que é este mundo, pergunta ela, senão a ausência de Deus, sua retirada, sua distância (a que chamamos espaço), sua espera (a que chamamos tempo), sua marca (a que chamamos beleza?) Deus só pôde criar o mundo retirando-se dele (senão só haveria Deus); ou se nele se mantém (de outro modo não haveria absolutamente nada, nem mesmo o mundo), é sob a forma de ausência, do segredo, da retirada, como a pegada deixada na areia, na maré baixa, por um passeante desaparecido, única a atestar, mas por um vazio, sua existência e seu desaparecimento.”<sup>5</sup>

Ao ler esse texto, mudei de ideia. Se o ser humano é dotado de livre-arbítrio, e Deus existe, não haveria outro modo de se dispor da realidade. Essa concepção de que Ele deveria mostrar o Rosto, passa a não fazer sentido. Se nossa condição é precária, e o anseio de ir além, é o que nos move, e ao mesmo tempo cria as condições à realização humana, só resta aceitar que Deus fez exatamente o que tinha que ser feito. O texto de Simone Weil é magnífico:

---

<sup>5</sup> SPONVILLE, pág. 293.

---

“A criação é da parte de Deus um ato não de expansão de si, mas de retirada, de renúncia. Deus e todas as criaturas é menos que Deus Sozinho. Deus aceitou essa diminuição. Esvaziou de si uma parte do ser. Esvaziou-se já nesse ato de sua divindade. É por isso que João diz que o Cordeiro foi degolado já na constituição do mundo. Deus permitiu que existissem coisas diferentes Dele e valendo infinitamente menos que Ele. Pelo ato criador negou a si mesmo, como Cristo nos prescreveu nos negarmos a nós mesmos. Deus negou-se em nosso favor, para nos dar a possibilidade de nos negar por Ele. Esta resposta, este eco que depende de nós recusar é a única justificativa possível à loucura de amor do ato criador.”<sup>6</sup>

À Terceira questão: por que uns creem e outros não, é digerível apenas no plano individual. Para começo de conversa, acredito que tirando um ou outro ateu mais empedernido, todos gostariam de acreditar numa vida pós-túmulo. Um amigo uma vez me disse: Olha Vinícius, adoraria pensar que vou reencontrar meu pai, e amigos, no ‘outro lado da vida. Como seria bom imaginar que existe um sentido para tudo.’ Diante de sua sinceridade, não tive o que dizer.

Finalizo com uma história. Naquele meio de tarde chovia um pouco, mas o clima de inverno continuava agradável. Estávamos há quase 09 horas na estrada, e ainda tentei sintonizar o rádio da Outlander, quando percebi, pelo retrovisor, que a Cegonha que havíamos deixado para trás avançava em grande velocidade. A estrada de pista única era sinuosa e sem acostamento. Minha esposa, à princípio, não se mostrou preocupada, mas como visualizávamos três caminhões à frente, a aproximação do veículo, que pretendia nos ultrapassar a qualquer custo, trouxe apreensão. Eu

---

<sup>6</sup> SPONVILLE, pág. 294.

---

conhecia a estrada, e sabia que só saíramos dali após uns 50 ou 60 quilômetros. Um tempo longo demais para quem está em perigo. O despenhadeiro que ladeava a rodovia tinha por baixo 80 metros. Comecei a suar frio. A quantidade de curvas desaconselhava a ideia desesperada de ultrapassar os caminhões. Se fizéssemos isso, possivelmente bateríamos de frente em algum carro. O jeito era ir levando a situação até surgir uma brecha. No fim, fechei os olhos e rezei uma ave-maria. Em condições normais, estava a menos de 2 horas da casa dos meus pais, em Jequitinhonha. A tensão subia à níveis estratosféricos, quando de abrupto a cegonha nos passou (até hoje não sei como isso aconteceu. Além da pista única, as faixas da estrada não comportavam, com folga, nem uma camionete). Só esperava chegar em casa e tomar um banho relaxante. O mínimo de recompensa, pensei, após tantas riscos e medos, quando, avistei uma paralisação na entrada da cidade. Mais essa agora!, disse irritado, O que terá acontecido!?! Lamuriava em coro com a minha esposa até ouvi um pedestre dizer que naquela hora ocorria a procissão de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Comovido, engoli a saliva e respirei fundo. Instantaneamente, me lembrei de outros momentos difíceis em que recorri às orações. Em todos, fui atendido. Fiz o nome do pai com as mãos, e enquanto o carro seguia ao seu destino, pensava boquiaberto no que acabara de vivenciar.

### **Vinicius Alcântara Galvão**

Aurel se assusta com a aproximação repentina. O sujeito, que vinha em sua direção, tinha a cabeça inchada, e sem fazer charadas ou rodeios, foi direto ao assunto:

– Quer saber o meu nome? É claro. Aqui nesse fim de mundo, seria muito estranho de sua parte, tomar conversa sem ao menos tentar saber com quem. Melhor se fosse um antigo amigo de infância, e vocês recobrassem alguma história do colegial. Que leveza! Lembrariam da professorinha primária, e de algum caso jocoso, tão comum no universo infantil, e cada palavra, fizesse menção a um biscoito ou a uma marca de chiclete, traria os ventos de um tempo esquecido. Faz bem na passagem da curva. Entende? A curva inevitável do tempo. E do meio para o final da linha. Lá, o horizonte é menos poético, muito menos. Tem coisas negativas de sobra: artroses (quase certo), e aí vai: reumatismos, cânceres, dores de coluna e vamos parar por aqui, porque nem eu nem você somos médicos, e o papo está com muita mania de doença. O rosário das lamentações é extenso: vem aí a acomodação ainda maior com tudo. A aceitação muda e muitas vezes, inconsciente. Perguntar é mania pra menino. O que é isso, pai? pra que serve uma flor?, vice é melhor do que campeão? Cada pergunta, hein!... Depois, só se for filósofo e andar nas nuvens. Também virão as decepções com filhos, parentes, e a solidão inevitável. Peraí, você deve estar se perguntando, se eu sou alguma espécie de duplo. Seu eu no futuro, ou alguma coisa assim. Seria bom, hein?! Às vezes, não. Aí viria aquela cantilena certa na conversa dos *enta*. Deixa-me

---

explicar melhor, depois dos quarenta, e com mais força após os sessenta. Aí vem a lengalenga. O sujeito com as mãos na aba das calças, e dizendo, se fosse hoje faria tudo diferente, abandonaria algumas bobagens. Inútil, não existe remédio capaz de impedir as besteiras. Nem se o ser humano vivesse duzentos anos. Seria um Matusalém de experiências, e ainda, assim, pisaria no tomate. Se pisaria! Também alguém só pensa o que pensa por ter vivido o que viveu. Parece óbvio, igual a um filósofo grego antigo. O ser é e o não ser não é. Não ria. Ele abriu muitos espaços ao entendimento. Como agora eu. Se você não tivesse passado pelo que passou, com certeza pensaria outras coisas.

Aurel se ergue, aturdido.

– Meu nome? Vamos lá. Judas Iscariotes. Tá assustado?

– Não.

– Estou vendo que não. Ainda bem. Não foi fácil para mim. Ainda tenho a cabeça inchada. Em dois tempos, melhora. É a tal malhação do Judas. Antigamente, sentia mais, ficava quase o ano todo à base de chás e medicamentos, e quando a pele começava a recobrar o viço, vinha mais uma malhação e o ciclo se repetia. Triste e enfadonha essa história. Hoje, nem ligo muito. Foi na semana passada o Sábado de Aleluia, e só tenho essas poucas marcas: um corte no supercílio, e os dentes amolecidos pelas pauladas. Mas não quebrou nenhum. Fiz umas aplicações de flúor, e nem precisou de antibióticos. Nos tempos ruins, tomava comprimidos enormes, e dois por vez. E ai de mim, se os engolissem sem leite. Aí, a dor de estômago me atazanava o sono.

Aurel virou o rosto e tentou sair do local.

– Você?

– Eu?

– Você mesmo. Não pensou que um Judas blasfemado e malhado em dois milênios contemporizaria com os erros alheios,

---

e agiria com fineza com uma humanidade que me cuspiu na cara. Fui mais pisoteado que pano de chão, e de tanto apanhar, perdi o medo das ameaças. Sei o quanto os homens recatados, pais de família, temem a exposição de seus pecadilhos. Alguns caem nas malhas de uma amante, e até de travestis que rodam bolsinhas nas grandes cidades. A maioria, porém, gasta uma parte considerável do salário minguaado nos botecos, e enquanto coçam as enormes barrigas, sorvem os fracassos no álcool. Rotina repetida todo final de semana; após o futebolzinho com a turma do whatsapp. Não serve pra muita coisa, além de umas fotos picantes enviadas por algum colega metido a engraçadinho (em toda turma tem uma mala dessas). O pior é que as imagens, invariavelmente, caem na censura da esposa. Achou, que alguma iria lhe respeitar a intimidade do celular?!! Ora, bolas, de jeito nenhum... Quanta ingenuidade! E esses outros, aí, os maridos envelopados... adoram malhar as sogras. Com palavras, é claro. Se perguntados, vociferam contra o casamento. Coitados! Feios, pobres e envelhecidos precocemente, se não fossem as esposas, a vida os colocaria em uma fila tão grande quanto às dos hospitais públicos. Pra você ver: morreriam sofregamente na espera. Não acha que foi fácil chegar aqui. Você deve estar se perguntando. Como é que fui encontrar um Judas irônico, e sem papas na língua? Seria plausível deparar-se com uma alma sem rumo, e ainda com as dores do enforcamento. Depois de sofrer na carne, e do jeito que vocês gostam de falar, comer o pão que o diabo amassou, resolvi sozinho minhas questões. Não sei se estava desamparado, mas de tanto me malharem, e me rotularem como traidor me vi como uma cobra. Depois veio a luz. Sou o retrato mais apropriado da humanidade. Não entende, ainda? Vai entender, se vai, a que custo não sei. Recentemente, surgiu um evangelho apócrifo e me impingiram a autoria. Nesse, está dito que não trai Jesus, e como seu discípulo

---

mais amado, simulei o famoso beijo sob suas ordens, e ainda fiquei com trinta denários. Diga-se de passagem, uma ninharia e mal dava para comprar um escravo. Diria que isso é tarefa espalhafatosa. Hoje adoram profanar o terreno do sagrado, onde permanecem os apóstolos, e fui justamente retirado. Errei. Não nego. Trai pensando que o Messias preso seria o pretexto necessário para inflamar o povo, e nos revoltarmos contra Roma. Falava uma língua diferente da de Jesus. Ele olhava para a eternidade, eu, para o poder político. Com um assunto desses não ia faltar quem viesse revelar o tal evangelho apócrifo. Rende e dá assunto, e o melhor, dinheiro. Qualquer editor acopla logo a ideia, e o livro vende que é uma beleza. Agora, você Aurel, o que você espera da vida?

– Eu?

– Tem mais alguém aqui?

A vergonha o esporou.

– Você aí com essa sua vidinha mais ou menos. Seu único empenho é tentar emagrecer de vez em quando. Quando as calças apertam, você abandona momentaneamente os carboidratos, e deflagra um regime curto. Tá bom que nesse tempo, você se mantém firme, e depois de umas duas semanas, quando muito um mês, recebe o prêmio dos quatro ou cinco quilinhos perdidos. Se regateia por um período curto, e logo as adiposidades recuperam o tempo perdido, e retornam ao seu lugar de origem. O que mais o importuna é o lugar escolhido por elas. Os pneuzinhos são pra lá de feios, e os seus estão bem avantajados. Se ao menos, as gorduras, que a qualquer tempo podem entupir as suas veias, se dispusessem equilibradamente em seu corpo, até que dava para conviver. É muito pouco. Você é um fracassado, um merdinha, um sacripanta.

As frases o assustaram.

– Anda, levanta, sacode e anda, desempaca.

---

Aurel pôs as mãos na cabeça e chorou.

– Você não achou que um encontro com um Judas seria uma água com açúcar ou visitinha na casa da tia. Aliás, tias boas são as de visita, quando estão na sala, comendo um biscoito de polvilho, prometem mundos e fundos, e dizem que vão cuidar do sobrinho como se trata um filho. Mentira absurda. É só chegar à casa da megera para ver o tratamento. Quando é mulher com mulher, vão logo controlando a geladeira, e exigindo o que as mães atuais tanto negligenciaram: arrumar a cama quando acordarem, e inconscientemente, não ferir o seu ego com qualquer superioridade. Ser humano resolvido é uma ficção. Como pode, se a todo momento precisam saber se estão bonitas ou coisa que o valha? Se for com o sobrinho, a tia o chama de desleixado, e, para os mais chegados, de porco. Se uma tia na profundidade é assim, quanto mais o Judas, que não faz sala para ninguém. Desculpa, se exagerei. Queria ter de tirar desse limbo. Desculpa, vai... perdi a cabeça.

Passado o susto, Aurel gostava do diálogo, apesar das estocadas.

– Sou o melhor retrato da humanidade por carregar o estigma da traição. Para malhar o Judas, qualquer um esquece suas mazelas, e dá pauladas, e atea fogo, sem pudores. Não foi assim com Maria Madalena? Ninguém se olha mais. Você me procurou. Sim. Sou produto de suas somas psíquicas. Você me buscou para eu te dar uma chave, e você ir abrindo as portas e ferrolhos do mundo. Que tal? Saber as palavras mágicas como Ali Babá, Abra-te Sésamo, ou ter a chave para a resolução dos problemas humanos. Muito poder. Por isso São Pedro é tão poderoso, e os carcereiros têm um poder real, de manterem os criminosos sob suas vigílias. Você quer mesmo que eu te digo o caminho para o homem ser feliz, e resolver todas as suas questões? Também não sei se eu te disser, a coisa vai ser tão proveitosa assim. Melhor se lhe doasse a intuição para uma

---

frase mercadológica do tipo “Philco, fama mundial pela qualidade”; já pensou ter uma frase dessas e a vender, a preço de ouro, para uma agência de publicidade, e ver sua conta engordar, e a massa consumindo produtos a roldão por causa de uma única frase estimulante e sugestiva... A humanidade é igual a mim. Os homens se traem, e nesse mundo pós-moderno, bom é aquele que se trai pouco. Não dá pra exigir demais, e se não vendermos os sonhos tanto, ou se na troca ou venda, pouparmos uns poucos, estaremos com um saldo positivo. Se quiser pôr tudo a prova, que o faça com ardor. Se é pra tentar, caia logo no fogo.

Um vento coçava os olhos de Aurel...

– Isso tudo é apenas um pouco. Sabe qual é a grande traição humana, e por que mais do que ninguém retrato a humanidade? A verdadeira traição é viver sem se buscar, e, portanto, sem se conhecer. Muitos, a maioria, vivem por viverem, e comem e bebem sem buscarem dentro de si alguma coisa que valha a pena chamar de sonho. Se você encontrar, um abraço. “Hasta la vista, baby”.

**Henrique da Cruz German**

Belo Horizonte, outubro de 2019

*“areia branca, fininha, praia longa, larga, formando uma espécie de ferradura aberta, pontilhada de coqueiros e de palmeiras altas, de caule fino, todas envergadas pelo vento. De todos os elementos da praia, o vento era o mais notável, o mais forte, o mais presente; soprava o dia todo, amenizando o calor intenso, sempre muito intenso, mesmo com chuva. De noite, o vento se tornava ainda mais refrescante, mais frio, fazendo as madrugadas, muitas vezes, mesmo geladas. O ruído das folhas das palmeiras e dos coqueiros beijados pelo vento era como um sopro cheio, como se o som tivesse peso, carne, concretude. Era como se se pudesse agarrar aquele barulho, cortar o ar cantante com uma faca. Era uma delícia a melodia que o vento fazia nas orelhas da gente do lugar, as cantigas que cantava, as histórias que contava, os assovios que fazia voarem longe. Vozes do vento. O vento sacudia as areias, as redes, os cabelos, as roupas das pessoas; fazia baterem portas e janelas, lançarem-se ao ar cortinas e panos nos varais de corda. O vento secava tudo, varria tudo, molhava tudo quando trazia nas mãos a água do mar. Só o barulho do mar fazia calar o do vento; se o mar estava crespo e nervoso, às vezes por causa do próprio vento, rugia mais alto que ele. As ondas que se arrebetavam no areal o faziam com enorme estrondo, arrancando lascas enormes do chão para arrastá-las para o fundo e, em seguida, num novo despencar de tremendas montanhas azuis, trazer tudo de volta, em revolvido desalinho, numa desordem*

---

*nervosa e medonha. Mas o mar, em geral, era bem tranquilo, de águas mexidas, porém calmas, de um azul mais escuro que o do céu, mas nem por isso menos brilhante nem menos bonito. Mar brando de ondas baixas, constantes, de maré alta bem funda, porque o chão, ali no mar, a poucos metros da arrebentação, cai num desfiladeiro quase vertical, muito profundo, gerador de ondas grandes na montante e de ondas avassaladoras nas ressacas e nas viradas súbitas da lua caprichosa. Quando o vento se arrepia, faz-se forte e bate de nordeste, empurra o mar com força, brusco; o mar se eriça todo, então, fica nervoso, não gosta que o empurrem assim, sem jeito e sem respeito. O mar ali naquela praia tem uma corrente forte, ampla, de azul mais intenso, que puxa firme para o fundo, para o oceano aberto adiante, sem fim. Por entre os coqueiros, mais atrás, sobre a areia mesmo, ergue-se a pequena vila. A vila está ali desde sempre, desde que o Brasil é Brasil, talvez até antes disso... uma duziazinha de casinhas com porta e duas janelas, um cômodo só, uma filharada só. A gente dali não sai por nada, não tem nada, não quer nada, a não ser as suas bananas, do bananal da mata do canto, os peixes do mar e os do rio que cai no pontal, o algodão para as roupas e velas, a água da cachoeira e o sisal das redes naturais, trançadas e costuradas com espatulazinhas de madeira, desde o início da noite dos tempos. O povo vive ali isolado, bastando-se a si mesmo, com o seu trabalho e a sua vidinha. Vidinha dura, é bom que se diga, sem luz, sem conforto algum da vida moderna. Os braseiros de lenha para os peixes, a madeira extraída no braço, a machado, fogo e facão. A comida salgada pelo mar, o fogo das pedras pederneiras, as mãos nuas como ferramentas para todas as necessidades. Médicos, comércio, novidades, só caminhando dois dias pelas picadas da mata fechada, até o arraial mais próximo, atrás dos montes, ou, então, por mar, navegando para o sul, com bom vento, por pelo menos meio-dia, até a cidade mais perto. Vida difícil, sim,*

---

*porém, feliz. Aquele povo ali, seus pais e avós, e os pais e avós deles, e ainda outras incontáveis gerações anteriores, as mesmas eternas famílias, eram pescadores. Colônia antiga, muito antiga. Homens fortíssimos, resistentes, de mãos grandes, cobertas de calos e cascões, como os pés, igualmente grandes, espalhados pelo chão. Sempre cobertos de areia e sal. Sempre molhados e já secados pelo sol e pelo vento. Homens só de bermudas. Bermudas grossas como as mãos e os pés, resistentes como os músculos dos braços, desfiadas, malcuidadas, meio molhadas, como os cabelos e as barbas. Faca sempre à cinta, rede ou remo nas mãos e nos ombros. Todos têm cheiro de mar, de peixe, de suor que secou, que o mar lavou, que o rio molhou, que o peixe sujou, que o sangue manchou. Gente forte, trabalhadora, simples e bonita, com uma beleza morena toda sua. A beleza se mostrava em tudo, todavia, mais se manifestava nos arrastões do raiar do dia, quando os homens, cantando, puxavam as redes cheias, gordas de peixe, para a terra. Que espetáculo! De noite, os homens saem para a pesca, lá pelas seis da tarde, quando começa a escurecer e a maré é favorável; navegam nas pequenas jangadas individuais, ou de dois, com as velas abaixadas, na corrente que leva para o fundo, enorme avenida natural que carrega os pescadores. Naquela hora, o azul escuro do mar se confunde com o escuro do céu e, cavalgando as ondas propícias, os homens logo já não se podem mais ver, nem serem vistos da terra, pelas mulheres e crianças que lhes foram dar o tradicional “adeus, boa sorte, até amanhã, vai com Deus”. No breu da noite rápida, caída em manto pesado sobre o mar, os homens se orientam pelas estrelas, quando visíveis, pelas lanternas dos companheiros, suspensas no mastro de proa e pela negra linha da costa, única massa imóvel naquelas imensidões tremendas. Mais ou menos duas milhas mar adentro, a corrente se dissipa em vertentes diversas, como o estuário de um rio grande, que se alarga desmedidamente na foz. A partir daquele ponto, os*

---

*homens, dependendo do mar e do vento, ou remam, ou içam a vela grossa de cânhamo, acendendo as lanterninhas de azeite. Se se pudesse olhar de cima, aquelas jangadinhas dariam a impressão de vagalumes voando na noite fechada, pontinhos de luz perdidos no enorme borrão preto. Separados os homens, atingido o lugar escolhido por cada um, é hora de lançar a rede, prendê-la firme à popa e ao centro do barco e esperar. A espera seja talvez o momento mais difícil do trabalho, embora o menos exigente fisicamente. É quando a cabeça vai longe, os olhos se cansam da escuridão vastíssima, é quando as montanhas de água em redor dão medo. O mar se mexe, remexe, sacode o gravetinho de pau sobre o qual está o homem. Surfando as ondas, porque não há âncora ali que atinja o fundo, o pescador espera, numa deriva deliberada, calculada, sempre arriscada, naquele sobe e desce sem fim. Naquela noite, ia já alta a noite, Tarcísio estava sozinho na jangada. Era moço ainda, nem mulher, nem filhos, só a mãe e a amada para lhe darem adeus na praia, à hora da partida. O seu pai morrera no mar, como tantos outros. Lembrou-se de ver o corpo do pai na ponta da praia, inchado, roído de peixe, dois dias depois do desaparecimento. Volta e meia lembrava-se do pai. Engraçado, costumava recordar-se mais do pai morto que vivo; é claro que se lembrava também do pai vivo, a ensinar-lhe tudo: o manejo da fâca, a limpeza do peixe, o trançar das redes, a construção e a manutenção das embarcações, como ler o céu, o conhecimento das nuvens, as correntezas do mar, as ondas, a natação, as velas e os ventos, o arrastão, as canções, enfim, tudo. Tudo da vida, tudo do mar, tudo dos ventos, tudo da pesca e dos peixes. Tudo de tudo. Passou uma baleia enorme. Dorso negro de monstro a agitar as águas. Distraído, sentado na jangada, a água a lhe lavar as pernas, Tarcísio se assustou bastante com o repentino pé de vento. Num safanão, a jangada se pôs a correr, ou melhor, a voar sobre as águas, num arranco forte rumo ao mar aberto. Num salto,*

---

*Tarcísio terminou de baixar a vela, não sem dificuldade, porque o vento era muito forte, e deitou o pequeno mastro, recolhendo-o e amarrando-o. Na operação, a lanterna acabou por desprender-se e cair na água, apagando-se e sumindo, engolida para sempre. Tarcísio puxou as redes, ainda bem vazias, dando-lhes nós sucessivos e amarrando-as no pino fixo do centro da jangada, para não as perder e para estabilizar melhor o barco, porque o vento rasgava os ares uivando, fazendo o barquinho voar, mesmo que sem velas. O mar crescera muito, fustigado pela ventania feroz e, ao redor de Tarcísio, moviam-se ondas impressionantes, que subiam e desciam num ritmo alucinante, em plena fúria. Logo veio a chuva, forte, grossa, que machucava quando atirada na cara e nos olhos, pelos ventos de mil furacões. Tarcísio não conseguia ver nada, nem a linha costeira, nem o céu, muito menos algum sinal de outro barco. Só via as ondas, subia uma, descia outra, ensopado de mar e de chuva, agarrado ao pequeno mastro deitado, deitado também ele, de cabeça baixa, os olhos semicerrados. De repente, uma vaga imensa, altíssima, derramou-se sobre ele, atingindo a pequena jangada de lado, bem pelo meio, virando sobre ela todo o seu peso colossal, fazendo-a emborcar e partir-se em pedaços. Tarcísio caiu na água, jogado com força num redemoinho que lembrava um liquidificador gigantesco. Girou e girou debaixo d'água, rolou e rolou, engoliu um pouco dela, salgada e fria, nada demais. Não era a primeira vez que se acidentava o Tarcísio. O mar tem as suas surpresas. Estranhou, porém, porque, desta feita, a natureza simplesmente não dera nenhum aviso. Zero. Ficou calmo, na medida do possível, subiu à superfície. A chuva estava mais forte ainda, o mar crispado como garras de uma mão fantástica. As ondas eram gigantescas, negras, assustadoras; ele flutuou e nadou o melhor que pôde, empurrado de todos os lados. Sabia perfeitamente que seria inútil pretender lutar contra o mar; era preciso amoldar-se a ele, acompanhar, com o máximo sangue*

---

frio, cada movimento seu, deixar-se levar, deixar o mar conduzir, brincar, fazer o seu jogo. Tarcísio não saberia dizer por quanto tempo ficara naquela montanha russa monstruosa, contudo, ainda era noite fechada quando o mar e os ventos abrandaram. Tudo estava escuro como piche, as ondas, embora ainda grandes, haviam diminuído em tamanho e intensidade. Tarcísio se deixava levar, boiando, poupando as forças. O céu estava coberto de nuvens pretas, impenetráveis, não se via sequer o mais leve brilho de uma estrela. Para todos os lados, Tarcísio só enxergava massas de água escura a mexerem-se nervosamente; nem sinal da costa, nenhum sinal de terra. Tarcísio tinha sede. Suprema ironia! Água por toda parte e nenhuma gota para beber... Não via nenhum companheiro, nada. Estava só. O que mais o preocupava era não ver a costa. Não sabia como orientar-se. Teve medo. Porém, não teve tanto medo, porque era homem, pescador e valente, e o mar sempre fora seu amigo. Sempre a boiar, achou que o mar realmente se acalmara, animando-se a olhar com mais cuidado em torno de si. Nada. Só havia água em todas as direções, até onde a vista alcançava! E olha que a vista de Tarcísio era aguçadíssima. No horizonte, começaram a se desenhar os primeiros sinais da claridade do dia e, para alívio de Tarcísio, graças àquela luminosidade ainda incipiente, ele compreendeu para onde deveria nadar: a costa só poderia estar atrás dele. Virou-se e olhou. Não via nada, nem o menor vislumbre de terra. Começou a nadar na direção certa. Não poderia ter ido assim tão longe da costa, pensava. Nadava devagar, mas com bom compasso. As braçadas leves e firmes ao mesmo tempo, amoldando-se às ondas, agora baixas, gentis. As mãos como remos. Batia as pernas fortes, tinha boa propulsão. Era um exímio nadador, forte e resistente como poucos. Estava confiante, respirando tranquilo. Mantinha a cabeça vazia, concentrado na natação, no ar que lhe entrava e saía dos pulmões. Impressionante! Não vira o menor resquício de sua

---

*jangada, nem um só traço do mastro, nenhum retalho de vela ou resto de rede. Que pancada fenomenal! O dia já ia claro, Tarcísio nadando com o sol às costas, resolveu boiar um pouco para relaxar. Os músculos potentes já lhe doíam, tinha um princípio de câimbras. Olhou adiante. Ainda nenhuma terra à vista, nada da linha da costa mostrar-se. Mas Tarcísio não desanimou, apesar da sede e do cansaço. O mar estava agora calmo, com a mesma serenidade de quando partira de casa, na noite anterior. Nadou e nadou. Já não mantinha o mesmo ritmo, os braços lhe pesavam e as pernas lhe doíam horrivelmente. Nenhuma terra à vista ainda. O remédio era boiar, mais que nadar, boiar. Mas desse jeito não avançava, era pior, especialmente quando entrou no meio de um cardume de águas vivas. Nesse ponto, fez das tripas coração e nadou como louco, com todas as forças que lhe restavam. Escapou das águas vivas, que deixou flutuando atrás de si, mas perdeu o restinho de energia que, a custo, conservava. Boiou. Ainda um pouco. A cabeça afundou, engoliu água. Tossiu, cuspiu, endireitou-se. Sentia-se muito fraco, agora. O sol a pino lhe feria os olhos. Estava tonto. Afundou, engoliu água de novo. Subiu, cuspiu. Estava muito, muito cansado. Vomitou. Ainda não via a terra. Lembrou-se da mãe, teve pena. Pensou na amada, jovenzinha com quem iria se casar, viu a vila, os companheiros. Viu o corpo do pai todo roído de peixe, inchado, lá na ponta da praia. Sentia tanta sede! Fechou os olhos, afundou, deixou-se envolver pelo mar, não resistiu. Ficou imóvel, os braços meio abertos. De repente, bem ao seu lado, uma barca de madeira. Uma mão forte como a sua puxou Tarcísio para cima, para fora d'água, para dentro da barcaça. Um homem de barba, peito nu, olhava-o, sorrindo. De pé à frente de Tarcísio, que abrira a boca, tentando agradecer, o homem disse: “o meu nome é Pedro, eu também sou pescador. Agora você está na minha barca, fique tranquilo, você está salvo”.*

Sou fruto de minhas predominâncias...

---

### **Pablo Gran Cristóforo**

*“Eu que me aguento comigo e com os comigos de mim”.*

Sabido este tal de Fernando!

Quantas Pessoas existem nele!

Pseudônimos na poesia e na identidade da vida.

Vi uma pesquisa, que se não me falhe a memória, somos 5% do que sabemos de nós mesmos e um resto de uma vastidão que habita em nossa alma.

Somos *ego, id, superego*.

Consciência e inconsciente!

Sou o indivíduo e o coletivo.

Posso ser reflexo das descargas elétricas dos neurônios, química e hormônio!

Energia cósmica, quântica.

Dança de prótons e elétrons, na produção de fótons!

Talvez seja parcela da inteligência e lógica, que transcendem.

*Yo soy yo y mi circunstância*, nas palavras do não menos sábio Ortega & Gasset.

Somos memórias ancestrais, arquétipos Junguianos. Potência Freudiana a nos impulsionar!

*Há multidões em mim*, já dizia Nietzsche.

Sou o que tenho e o que me falta.

O que amo e o que afasto.

Sou procura e encontro!

Passado, presente e porvir, numa mistura de promessa que ainda não se concretizou.

---

Somos projetos e sabotagem.  
Expectativa e mão na massa.  
Talvez o não ou sim!  
Escassez e o que derramo.  
Sou o amor de mim e o me deixar para depois.  
A vontade em conflito com a razão.  
O instinto e o primitivo, no confronto da educação, que doutrina e liberta ao mesmo tempo.  
A inundação de sentimentos em estações de primavera, salteada com o rarefeito minguar do outono e o hibernar de inverno.  
Se sou, em maior medida, o inconsciente que desconheço e se, muitas vezes, me deixo por ele guiar, quem efetivamente sou?  
Apesar das dualidades e conflitos do “eu” e de todos que habitam em mim, sou o resumo de minhas escolhas e minhas predominâncias, acompanhadas das inúmeras renúncias que fiz, levando a vida e carregando *comigo os amigos de mim*.

### **Pablo Gran Cristóforo**

Rubens Alves já dizia que “a palavra só deve ser dita se for para melhorar o silêncio”.

De fato, palavras ferem ou acariciam.

Palavras malditas atormentam, aquele que deixou escapar e mastiga o sabor do arrependimento ou aqueloutro que se deixou rasgar a carne d’alma com o pontiagudo verbo.

Palavras não ditas frustram.

O silêncio pode ser assustador para quem cala, para quem quer a fala.

Vejo no silêncio o símbolo da abstinência ou abstração.

No silêncio, pode estar a falta de atenção.

Nele, pela ausência de diálogo, pelo ensaio da palavra que não encena.

O silêncio guarda dor, removem vozes.

Pode, de outra frente, ser esconderijo do amor.

Portal que transcende.

Meditação que ascende.

Silêncio pode não ser solidão ainda que só no meio da multidão.

Meio de ligação, conexão, religião.

Pode-se amar em silêncio, orar, clamar, perdoar.

No silêncio, há um mundo!

Interações internas, ideais que visitam, suposições que envenenam, indagações e turbilhões. Coragem franzina, com palavras engasgadas, sufocadas e verbos minguados. Do grito que não saiu, da briga que amadureceu, da importância que não se deu.

---

No silêncio, tem de tudo!  
O bem, que se espalha na ponta dos pés.  
Com ele, diálogo com Deus.  
As ideias brotam no campo fértil do silêncio, nas discussões  
das minhas versões.  
Com ele, faço ponderações.  
É refúgio pacato.  
Nele, encontro a paz na acomodação dos meus barulhos.

### **Pablo Gran Cristóforo**

Vi, por agora, a notícia de um herói de carne e osso.

Sem lança, armadura ou feitiço, lutou com a fera de imensa boca e seus milhares de dentes!

Mastigando a criança, o bravio faminto e voraz rasgava a carne aos gritos do infante.

A babá escondeu-se no pavor, paralisada de temor.

Rua deserta ecoou o prenúncio do horror, besta fera sem controle.

Surge ele, como anjo, arcanjo, e sem arranjo, armado de coragem, fez de si o contrário do que lhe esperava o instinto de preservação, lançou-se no abismo.

Dentes para todo lado, lado para todos os dentes!

Pula daqui, esquiva dali! Criança caída, braço que abraça, que resgata e salva.

Luta, rola, empurra e soca.

Saltou sobre o carro, no capô a segurança!

Estavam a salvo!

A besta fera, que só não era mais besta que o próprio dono, desconhecido e descuidado, rodeou ensandecida o herói e a pequena presa.

A cena vista era apenas mais uma das inúmeras tragédias vivenciadas com ataques de cães a crianças, por completa irresponsabilidade de seus criadores.

A morte, que rondou o tenro de dois anos, impressionada com a entrega e coragem do desconhecido, homenageou o herói com a interrupção de seu trabalho, curvando-se à sua bravura.

---

O que faz com que desconhecidos entreguem-se à sorte e incerteza por outros, oferecendo, ao acaso, a própria integridade física ou a vida?

Aceitar a dor em troca da fuga!

Quando o racional não encontra a resposta adequada, estamos diante da grande lógica cristã: o amor!

Proteger o outro, amar como a si mesmo!

Solidariedade!

Cristo habita em nós.

Ainda há esperança como nesse belo exemplo de Natal.

Aplausos ao nosso herói!

**Pablo Gran Cristóforo**

Vi uma notícia, na internet, em que os filhos e a esposa cumpriram o último desejo de um homem, a derradeira cerveja, no hospital, reunidos em família.

Os comentários posteriores mesclavam a tristeza pela partida anunciada e a alegria da oportunidade da despedida, negada a muitos.

De fato, vi uma alegria doída ali e uma tristeza risonha, também.

Tenho pensado muito nisso.

Que a morte não se apresse em me cobrar companhia.

Que espere o trânsito em julgado da última instância, onde possa eu recorrer, celestialmente, até o fim dos tempos.

Que o seu código penal (e o processo) seja brasileiro, brando e lento!

A pressa, como sabido, é inimiga da prescrição.

E que não leve mais nenhum dos meus e dos seus.

Sei de seu afinco. A morte é eficiente que só!

Não aposenta, nem se aconchega!

Goza de hiperatividade.

É *workaholic*!

Sei, também, de sua necessidade!

Com os que aqui estão já não é tarefa fácil a convivência.

Qual seria a consequência da somatória dos desejos, unidos, de todas as gerações juntas? Impensável!

---

Cada ser pensante, pulsante...é anseio, ideário e “querência” demais!

Creio na palavra, com fé intuitiva!

Sei que do lado de lá mais lados existem. Como não sou vira-casaca, fico onde estou! Tudo como se tivesse eu alguma opção.

Confio, todavia, na continuidade!

Na lógica do quântico!

Somos energia!

Instantes e eternidade!

Penso nos que já se foram e nos que virão!

Mais ainda, penso nos que aqui estão!

Leio biografias e gosto das histórias.

Como já ouvi por aí, não existe miserável qualquer que não nos tenha algo a ensinar.

As pessoas deixam marcas e rastros.

Cravam sinais de sua existência!

Penso na morte, mas vibro com a vida!

Que as pegadas deixadas por mim, quando eu longe estiver, não me core a face ou aquebrante o elo de minha herança.

Quanto ao elo, penso que a morte não é seu fim. Basta deixar vir a saudade revistar as gavetas da memória e do coração. A lembrança é música sentida, palavra ouvida, cheiro impregnado e tato pegado!

O elo se desfaz com o desprezo e não com a distância, que, diga-se, apesar de longínqua, não separa almas!

Vi por aí, na citação de Alexandre Reis, que “saudade é um vazio cheio de tudo”!

Quanto significado nessa frase, não?

É uma dor doída com tempero de gostosura ao final.

Nada melhor do que isso para confirmar a empatia, registrando que esta se faz em vida!

---

Por fim, é em razão dela, na troca pelo que me falta, compartilho do meu excesso, levando do outro um pouco pra mim e deixando um outro tanto de mim.

E como tudo tem um fim, enfim, o fim...só do texto, por favor!

### **Pablo Gran Cristóforo**

Dizem que, neste dia, é fina a linha de separação das muitas moradas do Pai. Espero visitas sentidas.

O pensamento vagueia em lembranças dos muitos que se foram.

Os escaninhos da memória sorteiam *flashes* de saudade e esta, como “bolso onde a alma guarda aquilo que perdeu”, recolhe os cacos do que ficou.

A chuva costuma dar as caras no dia de finados. Lava almas.

O tempo já mudou, trouxe consigo os mistérios do mundo, a incompreensão da separação. Misto de sensações.

A fé nos une a todos, como um *sutratma* e fio de prata que conecta corpo e espírito, alma e mônada.

Sempre me vêm à mente sorrisos e sorrisos. Risos e gargalhadas.

Acho que deixei uma impressão boa nos meus queridos que atravessaram. Da mesma forma, cravaram em mim rastro de amor e aprendizado. Vivem em mim e eu neles.

Aprendi a ser pequeno e aceitar o acaso.

O controle não é deste mundo.

Caos e cosmo juntos, em comunhão.

Como no poema de Edgar Allan Poe, “o corvo”, no beiral de uma janela, repete incansavelmente a expressão *never more*.

O poema deixa claro que a morte designa em geral tudo o que pertence à ordem do “nunca mais”. Nunca mais será igual ao que foi!

---

“Manifestações do irreversível”, nas palavras do filósofo francês Luc Ferry, que pode vir pela morte em si ou pelo abandono do passado, inclusive nas “inúmeras encarnações de morte no próprio seio da existência”.

Discordo, pela lei da termodinâmica, nada desaparece e tudo se transforma. Nunca mais será como antes (é verdade), mas quem pode dizer que não haverá reencontro, reinício, ressignificado e continuação da vida?

Aliás, a morte não é ausência de vida, mas a vida de outra forma!

## **Pablo Gran Cristóforo**

Acabo, por vezes, escrevendo coisas que não são novidade para ninguém. Nenhuma lição inédita, coelho da cartola ou algo que realmente faça diferença na vida dos outros.

Tudo bem!

Escrevo, porque gosto de brincar com palavras sortidas, juntá-las num quebra-cabeça e ver o que dali sai.

O caldo, tem hora, sai doce como uma garapa de “cana caiana”. Outras, tem acidez de sapear aftas. Tudo depende do humor, da cor e do volume da áurea que carrego.

Se contém lições? Talvez.

Para mim sempre vem alguma coisa e fico como quem espera uma carta psicografada.

O ato de sentar-se e escrever, comporta, como precedente, o de observar, pensar e filosofar, ciente, é claro, que minha filosofia é de derme, nada muito denso ou profundo.

Percepções e sensações de alguém comum!

Nos primeiros dias do ano, ainda guardo comigo uma fé do tamanho de Adamastor, o gigante mitológico de Homero e Ovídio e, muito depois, lapidado por Camões em seus *Os Lusíadas*.

Não anseio, todavia, terminar no cabo das tormentas, nem abraçado a uma rocha, iludido por Tétis de Júpiter. Quero fé e lucidez! A primeira por acreditar, intuitivamente, que tudo ficará bem e, a segunda, para que tenha a capacidade de saber o que é fruto do acaso e o que depende de mim! E vamos...



### III

*Ensaio e Artigos Históricos,  
Literários e Monólogos*

---



## **Duarte Bernardo Gomes**

### **Contextualização:**

Jean Jacques Rousseau nasceu na Suíça em 1712 e faleceu na França em 1778, optou por morar na França a partir dos 30 anos de idade para tentar a vida como professor de música, entretanto escolhe a produção filosófica. Foi um dos grandes nomes do Iluminismo do século XVIII e um dos três principais filósofos contratualistas ao lado de Thomas Hobbes e John Locke. Suas ideias integraram um dos mais importantes acontecimentos da época que foi a Revolução Francesa, movimento que muito influenciou a sociedade moderna.

Tido como um filósofo radical, se suas ideias fossem aplicadas de imediato ao comportamento da sociedade, toda a estrutura dela teria de ser modificada. Dentre outras, suas principais obras são “Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens”; “O Contrato Social” e “O Emílio ou Da Educação”.

Conta a sua biografia que um dos idealizadores, participantes e líder da Revolução Francesa que teve início em 5 de maio de 1789, o advogado e político francês Robespierre, tinha como livro de cabeceira a obra “O Contrato Social”.

Na França, Rousseau participa de um concurso público na Academia de Dijon respondendo à seguinte indagação: “O restabelecimento das Artes e das Ciências contribuiu para o aprimoramento dos costumes?” Enquanto a grande maioria dos intelectuais

---

da época respondiam que sim, dando ênfase à cultura, letras, artes e ciências, Rousseau diz que não, a cultura somente piorou o homem, resposta que gerou impacto muito forte no meio acadêmico da época.

Coerentemente com o que defendeu na Academia de Dijon, Rousseau formula a seguinte frase que daria sustentação e seria o fio condutor de sua filosofia dali em diante: “O homem é bom, mas foi corrompido pela sociedade”. Seguindo essa lógica nosso autor fala em estado de natureza onde havia o bom selvagem que era solitário, livre e feliz, mormente, por não ter apegos nem amarras na sociedade.

Discorre também sobre a grande objeção de seu tema que entende ser a desgraça da sociedade que é a propriedade privada. Rousseau entende que a terra a ninguém pertencia e os frutos dela é que são de todos. A propriedade privada dá origem à desigualdade social, o homem entra em estado de guerra por defender algo que lhe atende o interesse particular em detrimento do social.

Quando Rousseau chega à França se defronta com uma situação no mínimo inusitada proposta pela elite daquele país. Os ricos propunham um “contrato social” garantidor da paz, da segurança e da justiça. Analisada a dita proposta por Rousseau, a conclusão foi a de que essa minoria prestigiada, fala em paz para continuar mandando, propõe a segurança para que os pobres nada pudessem reivindicar e a justiça para que eles fossem, incontestes, mantidos na propriedade. Com essa proposta de contrato social, a grande camada social com menor poder econômico em nada seria beneficiada, e ainda, perderia a única virtude que por natureza lhe pertencia que era a liberdade.

Rousseau propõe então um novo formato de contrato social, onde a vontade geral é que vigora, todas as pessoas, mas todas mesmo, se entregam de “corpo e alma” à comunidade e nessa

---

comunidade é que surge um soberano que se edita como a vontade geral. Ninguém, como pessoa, pode ser soberano nos moldes do contrato social de Rousseau. Ninguém pode usar os seus interesses egoísticos e particulares, têm eles que se alinhar com o coletivo e este prepondera sobre o individual. Rousseau defende que o indivíduo antes de ser indivíduo, é ele um cidadão pertencente à coletividade.

O indivíduo, como cidadão, tem papel ativo da coletividade, nesse aspecto, entende Rousseau, que a grande transformação que a sociedade merece receber tem origem da educação. Sendo o homem bom em estado de natureza e a sociedade a sua corruptora, então há que se empreender mudanças estruturais na sociedade para que ela deixe de corromper o homem, e, ao contrário, possa ensiná-lo a ser bom novamente.

Nessa diretriz, o homem educado se torna um indivíduo/cidadão livre, autêntico e autônomo. Via pedagogia, a educação tem o papel de fazer aflorar a verdadeira natureza humana que é a natureza boa. A pedagogia ensina ao homem ter sua vida pautada nos instintos naturais, no amor e no carinho, ao contrário do que fazia a educação tradicional, para Rousseau, não poderia ser admitido disciplina rígida e castigo, mas era necessário trabalhar no aprendiz os seus sentimentos.

### **O Emílio:**

Nessa obra Rousseau provocou uma verdadeira “revolução copernicana” na educação, tirando o protagonismo do mestre depositando-o no aprendiz. Como Nicolau Copérnico, astrônomo no século XVI que chocou a sociedade mundial tirando a Terra do centro do Universo (geocentrismo) e desenvolveu a teoria heliocêntrica do Sistema Solar, Rousseau contrapôs-se à educação

---

tradicional escrevendo O Emílio ou Da Educação lançado em 1762.

Essa obra é inclassificável sob o ponto de vista filosófico, pois pode ser considerado um tratado, ou um ensaio ou mesmo um texto romancado. Na obra Rousseau perpassa o conceito de educação, classifica-o como de tamanha complexidade já que não se pode fazer da educação uma teoria sistemática ou uma acumulação de preceitos.

Emílio é um texto pedagógico que une política, educação e a ética, orientando pais e mestres a ensinar naturalmente o homem ideal. A frente segue um brevíssimo desenrolar do conteúdo experimentado por Rousseau nessa festejada obra.

O jovem Emílio era órfão, filho de família abastada foi educado por um preceptor no convívio com a natureza, protegido dos constrangimentos sociais.

Com um pé no romantismo e o outro no imaginário iluminista, o texto revela a crença na educação reformadora onde, naturalmente, irão ocorrendo paulatinamente expressivas transformações sociais.

Emílio é o representante da espécie humana em seu potencial de virtude, educado para viver bem consigo e sua futura companheira Sofia em uma sociedade livre.

Lançado em 1762 o livro tornou-se um paradigma da educação no século XVIII, contrapondo-se à visão elitista da educação como privilégio, afirmando ser um direito de todos e criticava a pedagogia jesuíta, rígida, punitiva e mera transmissora hierárquica de conhecimentos memorizados que tratava as crianças como adultos em miniatura.

Com a visão naturalista de mundo, Rousseau foi uma espécie de descobridor da infância, o primeiro a entender a infância como uma forma particular de ser humano diferenciada da idade adulta.

---

O aprendizado era construído pelos interesses da própria criança em educação de dificuldades progressivas, lúdicas e iterativas que evoluíam naturalmente do sentido ao espírito.

Quando por um lado Rousseau identificava as especificidades do ser infantil, por outro lado projetava o homem do amanhã, delimitando claramente o que era o homem da natureza e o que era o homem civil.

O homem da natureza era um ser livre espontâneo e natural, já o homem civil era mascarado e degenerado pelas instituições e vigiado pelo social, daí a necessidade de se investir no homem da natureza, buscando na criança as suas maneiras de sentir, sem perturbar a maturação exigida pela ordem do tempo.

Para usufruir da felicidade da vida, Rousseau dividiu a obra em cinco fases: 1) lactância até os 2 anos; 2) infância de 2 a 12 anos; 3) adolescência de 12 a 15 anos; 4) mocidade de 15 a 20 anos; 5) início da vida adulta de 20 a 25 anos.

Dos cinco livros de Emílio, os quatro primeiros tratam da educação do menino e o último da educação da menina Sofia.

Rousseau considerava o período do nascimento até os 12 anos o mais delicado, já que nele é que tendem a surgir os desvios, é por isso que a educação nesse momento é chamada de educação negativa, isto é, não ensinar novos saberes, apenas manter, conservar e fortalecer as qualidades morais tidas na criança.

Segundo Rousseau a educação negativa consiste em não ensinar a virtude e a verdade, mas em preservar o coração do vício e o espírito do erro. Nesse período o mestre interfere o menos possível, muito mais estimulando bons sentimentos na busca da experiência do que se impondo positivo com novos ensinamentos acadêmicos, muito mais não fazendo, daí a expressão negativa.

Para Rousseau não se deve apresentar ideias abstratas antes do desenvolvimento da razão, que segundo ele, a razão dorme.

---

Assim, na primeira etapa quando a criança tem necessidades mais físicas, tende a cuidar do corpo e do aperfeiçoamento dos sentidos longe de punições.

O aprendiz exercita o sentir que se aprende com três mestres, a saber: 1) com a natureza; 2) com as coisas; 3) com as pessoas. Somente na adolescência é que as pessoas são mais importantes do que as outras duas.

Dessa forma, e para finalizar este diminuto resumo, tem-se que, nesse período, os livros e as operações abstratas são apreciados e Emílio, enfim, pode vir a se completar como adulto e homem total.

Por mais impactante que foi a publicação dessa operosa obra na área da educação, Rousseau, ao longo do tempo, ganhou contundentes opositores a começar por Voltaire, mas em especial na contemporaneidade, seus críticos mesmo reconhecendo que o filósofo foi tão avançado nos ideais de uma educação renovada, mas que, à semelhança dos homens de seu tempo, restringia a mulher ao universo doméstico.

## **BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA:**

ROUSSEAU, J.J. “Emílio ou da Educação”. Editora Martins Fontes, São Paulo: 2014.

ROUSSEAU, J.J. Coleção “Os Pensadores”. Abril Cultural, São Paulo: 1978.

# O caminho do comércio entre Minas Gerais e o Rio de Janeiro

---

**Marcos Paulo de Souza Miranda**

## **Antiga rota de abastecimento da Corte e o novo itinerário cultural**

SUMÁRIO: 1. ANTECEDENTES HISTÓRICOS. 2. ÁREAS E ESTRADAS PROIBIDAS. 3. O CAMINHO DO COMÉRCIO NO CONTEXTO DAS ESTRADAS REAIS. 4. ROTA DE VIAJANTES E CIENTISTAS. 5. EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES. 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS. 7. BIBLIOGRAFIA.

RESUMO: Este artigo aborda o contexto do surgimento, implantação e uso do Caminho do Comércio, uma rota oficialmente instituída pela Junta do Real Comércio do governo joanino, por decisão de 14 de novembro de 1811, com o objetivo de ligar, de forma mais rápida e barata, o Rio de Janeiro à região da Comarca do Rio das Mortes (sediada em São João del-Rei), que provia a Corte de alimentos como bois, porcos, queijos e toucinho. Analisa o itinerário do caminho e identifica o seu potencial como atrativo turístico-cultural.

PALAVRAS-CHAVE: ESTRADAS REAIS. CAMINHOS COLONIAIS. COMÉRCIO. ABASTECIMENTO. MINAS GERAIS. RIO DE JANEIRO

---

## 1. ANTECEDENTES HISTÓRICOS

Logo após a descoberta do ouro em Minas Gerais, no final do século XVI, foram implantados os primeiros caminhos oficiais que objetivavam o escoamento do metal dourado rumo ao Rio de Janeiro, de onde as riquezas seriam enviadas para Portugal.

Até então, somente picadas feitas pelos bandeirantes, não raras vezes apenas melhorando antigos caminhos já utilizados pelos indígenas desde tempos imemoriais, existiam no território mineiro. As trilhas eram duras, longas e improvisadas, sem vocação para o trânsito regular de pedestres e mercadorias.

Superados aqueles tempos iniciais, percebeu-se que o controle sobre a abertura de novos caminhos era medida essencial para evitar a criação de novos centros mineradores, rotas de contrabando ou descaminho, pois todo o ouro retirado da Capitania deveria passar pelas casas de fundição e pagar o quinto, sob pena de cometimento de crime contra os interesses da administração fiscal portuguesa.

Em tal cenário, nos primeiros anos da Capitania, entre finais do século XVII e início do XVIII, dois caminhos surgiram e se consolidaram como os mais importantes para cumprir a missão de ligar Minas ao Oceano Atlântico e cumprir o papel de rota de escoamento de riquezas minerais: o Caminho Velho e o Caminho Novo.

O Caminho Velho, aberto pelos bandeirantes paulistas, ligava São Paulo e Rio de Janeiro às minas, passando por Parati, Taubaté, Guaratinguetá, Baependi, Carrancas, São João del-Rei, Lagoa Dourada, Conselheiro Lafaiete, Ouro Branco e Ouro Preto.

Já o Caminho Novo, concluído em 1725 por Garcia Paes Leme, passou a substituir o Caminho Velho como rota de acesso do Rio de Janeiro às minas de Ouro Preto, e cortava Paraíba do

---

Sul, Matias Barbosa, Juiz de Fora, Santos Dumont, Barbacena, Conselheiro Lafaiete e Ouro Branco.

Esses caminhos eram fiscalizados e policiados pela Coroa portuguesa, que neles instalava postos de controle do tráfego de pessoas, animais, mercadorias e minerais – os chamados registros –, onde também se pagavam taxas devidas ao Estado e se verificavam documentos dos viajantes.

## 2. ÁREAS E ESTRADAS PROIBIDAS

Para evitar o contrabando de metais e diamantes por rotas não fiscalizadas, por Alvará Régio de 21 de outubro de 1733 o Rei de Portugal foi *“servido estabelecer a presente lei pela qual proíbo daqui em diante abrirem-se novos caminhos ou picadas para quaisquer minas que já estiverem descobertas ou para o futuro se descobrirem”*.<sup>7</sup>

Em 1736, pelo Bando de Aditamento ao Regimento de Minerar, foram criadas as “Áreas Proibidas”, onde não se permitiam posses de terras situadas nas extremidades não povoadas da Capitania de Minas Gerais, objetivando evitar extravios do ouro ao impossibilitar a abertura de novos caminhos e picadas nos matos em áreas onde inexistiam registros e vigilância das patrulhas<sup>8</sup>.

Entre essas áreas proibidas estava a região da Serra da Mantiqueira, nas divisas entre Minas Gerais e Rio de Janeiro, nas proximidades do vale do Rio Preto, por onde se tinha notícia que muito ouro era levado clandestinamente para o litoral.

---

<sup>7</sup> Arquivo Público Mineiro, Códice 36, SG fls. 77.

<sup>8</sup> Arquivo Público Mineiro, Códice 224, SC, fl. 29.

---

Pela ordem de 09 de abril de 1745 proibiu-se a passagem por uma estrada aberta por Antônio Gonçalves de Carvalho e seus sócios, moradores nas Minas de Aiuruoca, para o Rio de Janeiro, sendo os contraventores punidos, na forma do Alvará de 21 de outubro de 1733 sobre a abertura de estradas.

Em 20 de setembro de 1750 foi publicado um Bando determinando que fossem castigados os que estavam abrindo picadas na região da Mantiqueira em direção ao Rio de Janeiro.

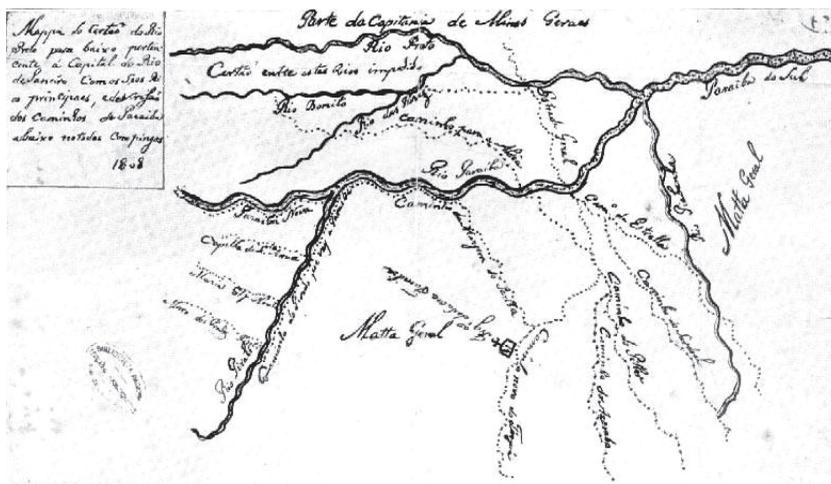
Com a decadência da exploração minerária, em 1780, Dom Rodrigo José de Meneses, Governador da Capitania de Minas, determinou diligências na Região do Rio do Peixe e do Rio Preto, onde havia notícias de novos “descobertos”. Aparentemente a medida objetivava oficializar uma situação de fato estabelecida há tempos, consistente na exploração e envio do ouro da região de Lima Duarte e Rio Preto para o Rio de Janeiro, por picadas clandestinas que dobravam as serras em direção ao litoral.

Diligências realizadas por determinação do Governador identificaram, em 1781, nove picadas que rompiam a Serra da Mantiqueira em direção ao Rio Preto e Bananal, bem como mais de cem moradores com posses na região da divisa com a Capitania do Rio de Janeiro, entre Ibitipoca e Aiuruoca, conforme se vê da relação a seguir.<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> Mapa das picadas que rompem a Serra da Mantiqueira para Bananal, Rio do Peixe e Rio Negro (sic), com as posses de sesmaria das terras antiguidades, serviços de ouro, nome dos possuidores. Arquivo Público Mineiro. SG-CX.11-DOC.59.





Mapa do Sertão do Rio Preto elaborado por Inácio de Souza Werneck em 1808, indicando que o sertão entre os Rios Preto e Bonito era “impedido”

Demonstrando o afluxo populacional na região, em 24 de março de 1801 a Câmara da Vila de São João del-Rei propõe a criação de dois distritos no “Sertão e Descoberto do Rio Preto”, para remediar as desordens que se verificavam na região, catequizar os gentios e aumentar a arrecadação de tributos<sup>10</sup>.

Com a virada do século, a decadência do ouro e a vinda da família portuguesa para o Brasil, a restrição de abertura de caminhos de acesso ao Rio de Janeiro perdeu a sua razão de existir.

Já em 1805, José Felizardo da Costa, Alferes Comandante da Guarda do Rio Preto notícia ao Governador da Capitania de Minas Gerais, Pedro Maria Xavier Athaide e Mello, que não tinha condições de abrir o caminho “rio abaixo” por insuficiência de mão de obra e em razão da ferocidade dos índios Araris, que habitavam a região e estavam provocando mortes<sup>11</sup>.

<sup>10</sup> CINTRA, Sebastião de Oliveira. Efemérides de São João del-Rei. Vol. I, p. 136.

<sup>11</sup> Biblioteca Nacional. I-26,14,073 – Manuscritos.

---

Na sequência dos fatos, como bem anota Alcir Lenharo<sup>12</sup>:

*A instalação da Corte no Rio de Janeiro fez caducar a antiga proibição de abertura de estradas. A legislação, por sinal, vinha sendo burlada por colonizadores e tropeiros em geral. Muitas das estradas que seriam oficializadas posteriormente tiveram origem em caminhos que, no contexto colonial, requeriam pesada punição das autoridades.*

...

*Esses projetos de construção e reforma de estradas passaram a receber orientação da Junta do Comércio, instalada no Rio de Janeiro pelo então Regente, o Príncipe D. João. Esse tribunal funcionava como uma câmara consultiva, formada de diversos deputados que propunham projetos administrativos fundamentais para o governo joanino. A Junta recolhia impostos que, sob seus cuidados, eram investidos em obras de grande envergadura que moldaram a base de infraestrutura administrativa no Centro-Sul.*

Sobre a Junta do Comércio, o Dicionário do Brasil Joanino (1808-1821) aponta que Durante a administração de Dom João VI, o Tribunal vivenciou a sua “legenda áurea”, sustentando receita suficiente para financiar despesas como a construção da Real Estrada do Comércio em 1811, grande obra de infraestrutura do período joanino, finalizada em 1822<sup>13</sup>.

---

<sup>12</sup> As tropas da moderação, p. 59-60.

<sup>13</sup> VAINFAS, Ronaldo. NEVES, Lúcia Bastos Pereira das. p. 290.

---

### 3. O CAMINHO DO COMÉRCIO NO CONTEXTO DAS ESTRADAS REAIS

Embora amplamente divulgada na mídia, ainda há muito que se descobrir sobre a chamada Estrada Real, que não se trata de um caminho único como a designação, no singular, sugere. Na verdade, Estrada Real é um conceito amplo que designava, nos séculos XVII, XVIII e XIX, as várias estradas públicas oficialmente reconhecidas pelo Governo Português. Assim, ela abrange todos os antigos caminhos que em tempos passados foram percorridos por bandeirantes, tropeiros, índios, comerciantes e aventureiros nas capitanias das Minas Gerais, de São Paulo, do Rio de Janeiro, da Bahia etc. Na região sudeste o trecho mais conhecido da Estrada Real ligava as áreas de produção de ouro (Ouro Preto) e diamantes (Diamantina) aos portos de Parati (Caminho Velho) e diretamente ao Rio de Janeiro (Caminho Novo).

Uma rota ainda quase inexplorada e pouco conhecida, integrante das antigas Estradas Reais, é o “Caminho do Comércio” ou “Caminho do Rio Preto”, uma variante que foi aberta no início do século XIX para facilitar o trânsito de comerciantes, mercadorias e tropeiros entre São João de- Rei e o Rio de Janeiro. Até então, a região do Rio Preto era acessada somente pelos toscos caminhos abertos por Inácio de Souza Werneck e José Rodrigues da Cruz, responsáveis pela catequização dos índios Puris, Araris e Coroados, que habitavam as redondezas dos rios Preto e Paraíba.

Em 14 de novembro de 1811 a Junta do Real Comércio do Rio de Janeiro deliberou pela abertura de um caminho que partia de Iguaçú Velho (Distrito de Nova Iguaçú-RJ) e rumava em direção ao Vale do Rio Preto, com destino à Vila de São João del-Rei, recebendo a denominação de Real Caminho do Comércio, ou

---

Caminho do Rio Preto. Parte do caminho aproveitava uma picada aberta anteriormente pelo Coronel José Pedro Francisco Leme.

Consta que o caminho foi aberto, sobretudo, para atender aos interesses comerciais do potentado João Rodrigues Pereira de Almeida, o barão de Ubá, magistrado, fazendeiro, político e comerciante, dono de propriedades rurais em Vassouras, Valença e em São João del-Rei, além de navios negreiros, imóveis no Rio de Janeiro e Lisboa.

Segundo Walter de Mattos Lopes<sup>14</sup>:

*João Rodrigues Pereira de Almeida era filho de José Rodrigues Pereira de Almeida e de Ana Joaquina da Conceição. Seu pai, ao falecer em 1795, apresentava a 14ª maior fortuna líquida entre os negociantes lisboetas no período de 1750 a 1820 e o 9º maior proprietário em bens de raiz. Sua mãe era irmã dos negociantes Antônio Ribeiro Avellar e José Rodrigues da Cruz, proprietários das fazendas ou engenhos de Pau Grande e Ubá, ambas abrangendo a extensão de cinco sesmarias cada uma; contudo, consoante o testamento do Barão de Capivari, a Casa de Pau Grande era constituída de dezessete sesmarias.*

*Sua participação decisiva na aprovação do projeto da construção da Real Estrada do Comércio, depois chamada Estrada do Café, e sua metamorfose em cafeicultor na condição de Barão de Ubá, parecem anunciadas, quando, em 1807, João Rodrigues da Cruz, irmão de Antônio Ribeiro de Avellar. A relação de*

---

<sup>14</sup> A Real Junta do Commercio, Agricultura, Fabricas e Navegação deste Estado do Brazil e seus Domínios Ultramarinos, p. 134.

---

*negócios e famílias fica evidente na sociedade formada entre os Pereira de Almeida e os Ribeiro Avellar, consolidada através do matrimônio dos progenitores do deputado-negociante do Supremo Tribuna: José Rodrigues Pereira de Almeida e Antônio Ribeiro Avellar, que arremataram diversos contratos, incluindo os dízimos do povoado de Santos e São Pedro do Rio Grande (1791-1793 e 1794-1796), o do quinto dos couros e gado em pé (1794-1796) e o contrato das farinhas e carnes para o município das tropas (1794-1796). O deputado-negociante seguiu os negócios das famílias, arrematando contratos, fazendo carregamentos de escravos e praticando o comércio de cabotagem, situando-se entre as maiores fortunas da primeira metade do século XIX.*

Formalmente a abertura do Caminho do Comércio foi uma iniciativa da Real Junta do Comércio, Agricultura, Fábricas e Navegação que, criada no Rio de Janeiro pelo Alvará de 23 de agosto de 1808, tinha competência para tratar de assuntos tais como a construção estradas, pontes e canais, bem como de importação e exportação. À época, como já assinalado, um dos integrantes da Junta do Comércio era o poderoso Barão de Ubá, que tinha interesses pessoais em relação à facilitação do escoamento de sua produção nas propriedades situadas entre Paraíba do Sul e São João del-Rei.

Sobre os primeiros tempos do Caminho do Comércio o historiador Alcir Lenharo<sup>15</sup> afirma que:

---

<sup>15</sup> Alcir Lenharo. Tropas da Moderação. p. 64.

---

*Este caminho funcionava em bases precárias para ligar as áreas abastecedoras do ocidente mineiro ao mercado carioca. Até 1813, era usado apenas como atalho por viajantes a pé, uma vez menos longo que o de Vila Rica. Foi sendo aberto a partir da iniciativa particular da população do interior, que não podia contar com a abertura de estradas, em vista das restrições impostas pelas leis coloniais.*

A rota partia de Nossa Senhora da Piedade do Iguaçu (Iguaçu Velho – RJ), cortava a atual Reserva Biológica Federal do Tinguá, subia as serras, passava pelo porto de Ubá (atual Andrade Pinto, distrito de Vassouras), seguia em direção a Valença e depois passava pelos antigos arraiais mineiros de Rio Preto (região de Varejas e Funil), Bom Jardim (passando por Taboão), Turvo (atual Andrelândia), Madre de Deus, São Miguel do Cajuru, Rio das Mortes Pequeno e, finalmente, chegava à Vila de São João del-Rei, importante sede da Comarca do Rio das Mortes.

No trecho fluminense, segundo Ruy Afrânio Peixoto<sup>16</sup>:

*O caminho partia da planície de Iguaçu, atravessava a serra do Tinguá, passando por Santana das Palmeiras até a serra e seguindo o Rio Santana, em direção a Ubá, internando-se pelas terras situadas entre o Paraíba. Media 10 léguas de extensão, da Vila de Iguaçu à margem do Paraíba. Seu desenvolvimento na serra do Tinguá era de 6.336 metros... o trecho calçado de pedra tinha 1.870 metros e várias grandes muralhas de extensão. Contavam-se 25 pontes e 44 pontilhões.*

---

<sup>16</sup> Imagens Iguaçuanas, p. 48.

---

*O caminho partia da Vila de Iguaçu, onde na primeira légua do percurso alcançava a ponte sobre o rio Otum, seguindo o seu curso e cortando os ribeirões, Cachoeira de Baixo, Cachoeira Grande, Cachoeira Brava e outros, chegando com três léguas ao alto da serra do Tinguá, atravessava os ribeirões da Grota, Posse, Galinhas, Bastos e cortava o rio São Pedro. Depois de atravessar o Ribeirão do Quilombo, marcavam-se três léguas e meia antes de cortar a serra assinalada com a denominação de Sant'Ana. Adiante da ponte do ribeirão das Palmeiras (afluente do Rio Santana) contavam-se quatro léguas. A cerca de dois quilômetros mais adiante se indicavam à direita a “travessia para a estrada do Werneck” e, à esquerda o caminho para Vassouras.*

A partir de 1820 o trajeto original do Caminho do Comércio passou ser melhorado e mesmo alterado pela Intendência da Polícia do Rio de Janeiro, tendo registrado, a propósito, o Desembargador Paulo Fernandes Viana<sup>17</sup>, chefe daquele órgão e proprietário de terras na região de Valença, em 1821:

*Tive o gosto de ver Sua Magestade por este meio viajar de carruagem por Maricá, Nuan, São Gonçalo, Engenho Novo, Tambi e depois de fazer a picada com que de Iguassu pudesse Sua Magestade ir em sege até o Rio Preto a entrar na Comarca de São João de El Rei, província de Minas Gerais, ajustei essa estrada com todas as pontes precisas e cobertas por 48 contos de reis a pagamentos de*

---

<sup>17</sup> Abreviada demonstração dos trabalhos da Polícia em todo o tempo que a servio o Desembargador do Passo Paulo Fernandes Viana. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. 1892, Tomo LV, parte 1, p. 376.

---

*8 contos de 6 em 6 mezes, para facilitar d'este modo em carros a condução dos frutos d'aquella província para esta, e do interior de todas as fazendas, estabelecendo assim um manancial de riquezas para esta Côrte...*

Em 1824, Dom Pedro I autorizou Custódio Ferreira Leite, então Capitão da Vila de Valença-RJ, a adotar providências para a melhoria da via, “não só por abreviar consideravelmente o caminho, mas por facilitar a comunicação desta Província com a de Minas Gerais”<sup>18</sup>.

Entre 1839 e 1842 a primeira seção da Estrada do Comércio, situado no território fluminense, foi praticamente reconstruída pelo coronel do Imperial Corpo de Engenheiros, Conrado Jacob de Niemeyer, com a colocação de calçamento de pedras nas áreas de maior aclave, retificação de trechos, implantação de aterros, construção de pontilhões e extensos muros de arrimo para contenção de encostas.

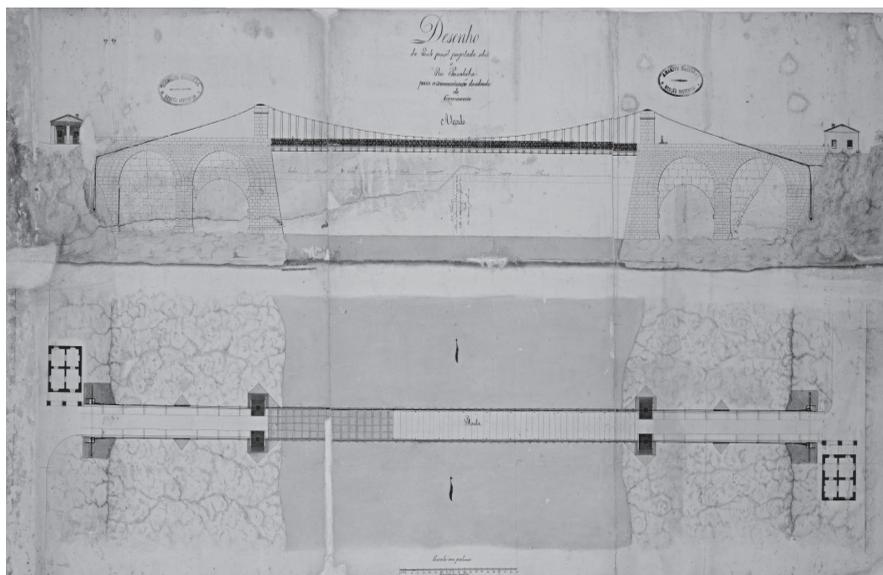
Em 12 de outubro de 1848 o governo da Província de Minas Gerais determinou, pela Resolução nº 407, que a Estrada Geral do Rio Preto fosse estendida e melhorada desde a localidade de Pissarrão, passando pela Vila de Oliveira até atingir a Vila de Formiga, na região oeste. Segundo o ato, a estrada deveria, sempre que o terreno permitisse, ter a largura que permitisse a passagem simultânea de um cavaleiro e dois carros de boi<sup>19</sup>.

Na década de 1850 projetava-se a realização de novas melhorias na Estrada do Comércio, a exemplo da construção de uma ponte pênsil sobre o Rio Paraíba, conforme projeto abaixo, existente no acervo do Arquivo Nacional.

---

<sup>18</sup> VASCONCELLOS, Francisco de. Conexão Rio Preto. De Saint-Hilaire a Fox Bambury. p. 10.

<sup>19</sup> [http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/leis\\_mineiras/LM-0444/15346.jpg](http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/leis_mineiras/LM-0444/15346.jpg)



Desenho  
da Ponte pensil projectada sobre  
o Rio Parahiba  
para a communicacão da estrada  
de  
Commercio

---

#### 4. ROTA DE VIAJANTES E CIENTISTAS

No ano de 1819, o cientista francês Auguste de Saint-Hilaire, na sua viagem às nascentes do Rio São Francisco, passou pelo caminho de Rio Preto, que “fazia três anos que tinha sido aberto ao público e era a Antônio Francisco de Azevedo, que devia ser dado o crédito da empreitada”. Ainda segundo o historiador francês, Antônio Francisco de Azevedo (1769-1832) – que era grande proprietário de terras no atual município de Andrelândia - comprava todos os anos de cinco a oito mil bois para enviá-los à Capital e a ele fôra prometido, pelo Chefe da Polícia, que se tornasse tal caminho transitável para carros de bois, todos os animais que enviasse ao Rio de Janeiro, pelo resto de seus dias, ficariam isentos de impostos.

O largo uso do caminho para o escoamento de animais é explicado pelo francês<sup>20</sup>:

*No caminho do Rio Preto encontrei poucas tropas de burros, mas em compensação vi um grande número de porcos e de bois. É por esse caminho que é transportado todo o gado destinado ao Rio de Janeiro e oriundo da parte ocidental da Província de Minas, onde a pecuária é bastante desenvolvida.*

*Por ocasião de minha viagem fazia seis anos que tinha sido inteiramente aberto ao público. Entretanto, como sua única vantagem fosse economizar alguns dias de viagem e os condutores de tropas não mostrassem dispostos a enfrentar uma estrada que não lhes oferecia nenhuma comodidade, as autoridades resolveram*

---

<sup>20</sup> SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem às nascentes do rio São Francisco. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

---

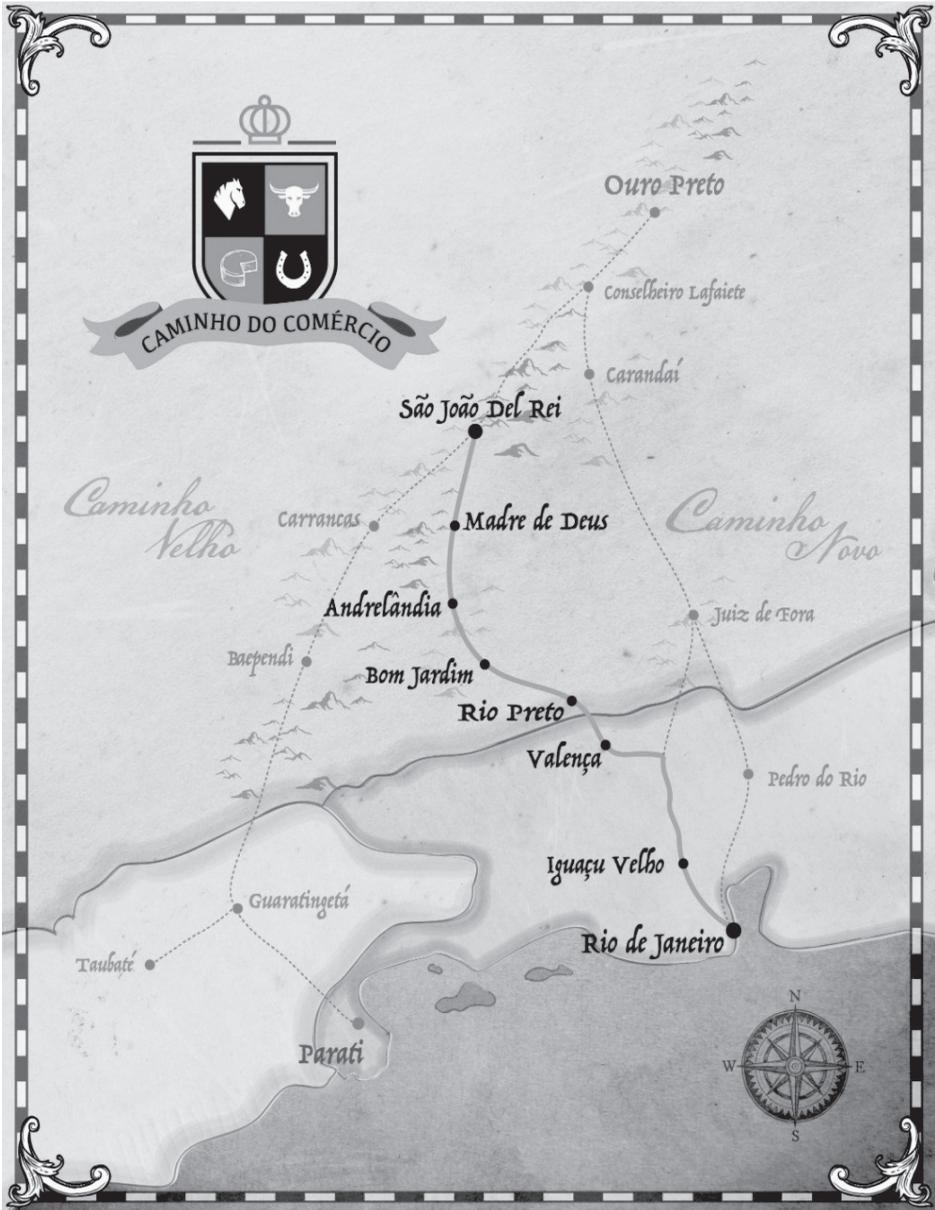
*conceder uma diminuição no preço da portagem paga por homens e animais que atravessam o Paraíba no posto de registro do Caminho do Rio Preto. Dessa forma os bois, pelos quais é paga uma pataca no registro do Paraíba, na estrada de Vila Rica, são taxados em apenas meia pataca no do Paraíba. Os burros de carga pagam 460 réis no primeiro e 80 no segundo.*

O uso da rota para a condução de bois e porcos explica a função de alguns curiosos vestígios ainda existentes na região de Andrelândia, onde se podem visualizar pontos em que a antiga estrada, com alguns metros de largura, era delimitada lateralmente por profundos valos paralelos cavados na terra.

Esses valos facilitavam sobremaneira a condução dos animais, que, ante os obstáculos laterais, seguiam pelo leito da estrada sem possibilidade de extravio.

O itinerário percorrido por Saint-Hilaire pelo Caminho do Comércio, iniciado no atual município de Valença, foi o seguinte: Ubá >> Porto do Paraíba >> Rancho da Forquilha >> Fazenda de Joaquim Marcos >> Rancho das Cobras >> Arraial do Rio Preto >> Rancho de São Gabriel >> Tomé de Oliveira >> Rancho do Alto da Serra >> Bom Jardim >> Sítio >> Fazenda das Laranjeiras >> Fazenda do Sardinha >> Madre de Deus >> Fazenda dos Chaves >> Cajuru >> Rancho do Rio das Mortes Pequeno >> São João del-Rei.

Em 1829 percorreu parte do Caminho do Comércio o reverendo Robert Walsh, que deixou registros muito interessantes sobre as tropas e animais que circulavam pela rota, sobre a alimentação servida, bem como sobre as localidades de Valença e Rio Preto.



Mapa do Caminho do Comércio – Arte de Ivana Battisti

---

Transcrevemos um interessante trecho dos registros do religioso inglês sobre a região:

*O Rio Preto forma ali o limite da província do Rio de Janeiro e a vila do outro lado é o primeiro povoado em Minas Gerais. Tem, por conseguinte, a função determinada pelo governo de receber o pedágio e fiscalizar toda a mercadoria que passar de uma província a outra. Na extremidade da ponte, do outro lado, ergue-se um vasto rancho onde estavam amontoados fardos de todo o tipo, para inspeção. Depositamos ali a nossa bagagem e fomos levados até o escritório de um rapaz brasileiro, miúdo e moreno, metido num uniforme azul com vistosas dragonas douradas, e lá, pela primeira vez, nossos passaportes foram examinados.*

...

*Ao cair da tarde chegamos à Fazenda do Funil, administrada por uma jovem senhora brasileira, a que pertenciam por herança paterna todas as terras das redondezas. Era uma mulher corpulenta e muito jovial. Nós a surpreendemos no momento em que fazia toucinho. Um porco destripado jazia ali perto, de pernas para o ar, e um dos escravos limpava-o por dentro... à noite um vizinho apareceu na fazenda com o seu violão. Instalou-se em companhia da nossa hospedeira, na sala ao lado do nosso quarto e ficou tocando, com grande perseverança, até o amanhecer. A música era agreste e doce, e não tardou a me embalar o sono.*

Já o ano de 1835 foi a vez do naturalista inglês Charles James Fox Bunbury viajar pelo Caminho do Comércio na segunda

---

quinzena de janeiro, quando se dirigia de São João del-Rei para o Rio de Janeiro.

Em seu diário ele deixou registrado<sup>21</sup>:

*A estrada para Funil daí para Rio Preto passa por cima de sucessivas cadeias de montanhas, altar e íngremes, cobertas de florestas de proporção gigantesca e separadas por vales fundos e estreitos, os quais são cheios de uma vegetação surpreendentemente espessa e exuberante. O contraste entre o aspecto dessa região e o dos campos é certamente muito impressionante. Numerosos riachos claros precipitam-se em pequenas cascatas pelas montanhas abaixo, mas não se pode segui-lo por muito longe com a vista no meio da densa mata. A montanha mais importante que atravessamos nestes dois dias é chamada Serra Negra e lembra algumas das cadeias exteriores dos Alpes.*

*Fui apanhado por uma violenta tempestade no dia 27 e cheguei completamente molhado na venda de Funil, uma miserável choupana, que quase nenhuma proteção oferecia contra a chuva.*

Em agosto de 1839 passou pelo Caminho do Comércio o alemão Enst Hasenclever, que registrou em seu diário:

*Ao amanhecer o tempo estava fechado e nublado, como esperávamos. Tínhamos subidas íngremes pela frente, visto que a Serra do Rio Preto, que teríamos que atravessar, é uma das mais altas do país. Iniciamos*

---

<sup>21</sup> BUNBURY, Charles James Fox. Viagem de um naturalista inglês ao Rio de Janeiro e Minas Gerais. p. 101.

---

*lentamente a subida a partir do vilarejo e o caminho, por mais íngreme que fosse, não se tornou pior. Mas, chegando ao alto, fomos amplamente recompensados pelo esforço de nossas mulas resfolegantes. De um ponto elevado, víamos por trás de nós uma extensa área enquanto, logo à nossa frente, a serra de Santana barrava a nossa vista, caso não nos déssemos por satisfeitos com a visão de pacatos vales com matas impenetráveis.*

...

*No vale existem diversas vendas escondidas que dão fama a esta região romântica, motivo pelo qual constava no nosso roteiro como intervalo para nosso desjejum. O nome é Funil porque, no vale apertado e profundo, corre um rio estreito, porém límpido e profundo, que desaparece subitamente num sumidouro e ressurge somente três milhas abaixo.*

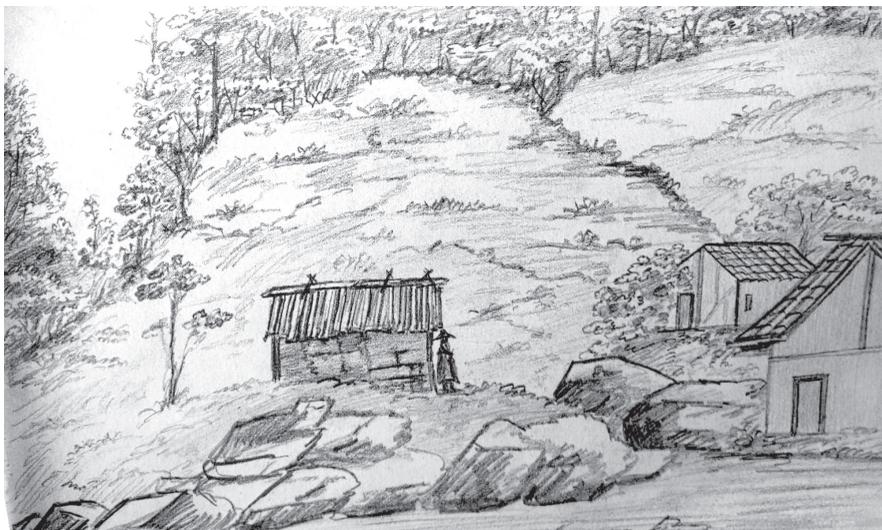
...

*Aqui teríamos apreciado muito um assado, mas não havia nada além de farinha, um pouco de café, linguiças de porco salgadas, que nos bastaram visto que, depois de uma partida em jejum, qualquer refeição, por pior que seja, faz toda a diferença. Rapidamente atingimos a passagem no topo das montanhas. Chuvas torrenciais e nuvens densas pouparam-nos o tempo que provavelmente teríamos gastado apreciando a paisagem e descemos ligeiro por sinuosos vasos solitários até à próxima serra, a sombria Serra Negra, em cujo sopé se encontrava a nossa pousada do Joaquinzinho.*

*Ninguém que tenha visto ou lá pernoitado, só uma vez que seja, jamais se esquecerá esse cafuá.*

---

Ao que aparenta, a localidade denominada Joaquinzinho corresponde ao lugarejo hoje conhecido como Encruzilhada, ponto de bifurcação da estrada, sendo que o Caminho do Comércio seguia em direção a Taboão (Bom Jardim-MG), enquanto a outra ramificação (Estrada da Polícia) rumava em direção à Serra Negra (Lima Duarte-MG).



Rancho de Joaquinzinho à margem do Caminho do Comércio, segundo registro de Ernst Hazenclever – 1839

**Naturalistas e viajantes estrangeiros que percorreram  
o Caminho do Comércio**



Auguste de Saint-Hilaire - 1816



Reverendo Robert Walsh – 1829



Charles J. Fox Bunbury - 1831



Ernst Hasenclever - 1839

---

## 5. EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES

A função primordial do Caminho do Comércio era a de viabilizar o abastecimento do Rio de Janeiro – cuja população aumentou significativamente com a chegada da Família Real em 1808 - com alimentos (bois, porcos, toucinho, queijos etc.) e outros produtos essenciais, como cobertas de lã e tecidos.

O seu trajeto era bem mais curto e direto do que o do Caminho Novo e as taxas cobradas nos registros eram mais econômicas, o que trazia maior lucratividade para os comerciantes da região cortada pela velha estrada.

As tropas de burros partiam, conduzindo bois e porcos, de São João del-Rei e cidades adjacentes (Prados, São Tiago, Dores, Resende Costa, Nazareno) e rumavam em direção ao sudeste, passando pelo Arraial do Rio das Mortes, Cajuru, atingindo as cidades do Alto Rio Grade, como Madre de Deus, Andrelândia, Arantina e Bom Jardim, onde ganhavam novos acréscimos de tropeiros carregados de produtos típicos, como toucinho, galinhas e queijos.

A cada três léguas de distância, aproximadamente, existiam ranchos rústicos rodeados de estruturas singelas que permitiam o pernoite dos viajantes, que sempre contavam com uma bica de água limpa, estruturas de pedra para fogueiras e árvores tais como a araucária em suas proximidades, cujos galhos secos funcionavam como lenha de fácil combustão, essencial para minorar o frio nas serras e nos grotões da região da Mantiqueira.



Tropeiro conduzindo animais carregados de mercadorias – Jean-Baptiste Debret



Rancho de tropeiros - Johann Moritz Rugendas

---

De acordo com a tabela abaixo, já em 1819 o Caminho do Comércio superava, em muito, o Caminho Novo no que diz respeito ao número de bois, porcos e queijos que eram enviados para o Rio de Janeiro, o que demonstra a vitalidade e a importância da rota<sup>22</sup>.

<b>Espécie</b>	<b>Registro do Caminho Novo</b>	<b>Registro do Rio Preto</b>
<b>Toucinho e carne salgada</b>	69.445 @	50.962 @
<b>Gado Vacum</b>	1.624	13.999
<b>Porcos</b>	1.367	14.764
<b>Queijos</b>	161.765	346.157

Segundo o mapa da exportação de produtos e manufaturas da Província de Minas Gerais pelo Registro do Rio Preto no primeiro semestre de 1831, passaram pelo Registro do Rio Preto em direção ao Rio de Janeiro, durante os primeiros seis meses, seguindo o Caminho do Comércio: 1.669 cabeças de gado, 2.400 porcos vivos, 3.865 arrobas de toucinho, 24.378 varas de pano grosso, 15.323 cestos de queijos, 191 arrobas de fumo, 186 selarias, 209 carneiros e 1.261 galinhas.

O movimento pelo caminho parece ter crescido nos anos seguintes. Em janeiro de 1840 o administrador do Registro de Rio Preto, José Deocleciano de Almeida, informa que passaram pela alfândega 2.970 cabeças de gado, 4.213 arrobas de toucinho, 1.031 cabeças de porcos, 27.727 queijos, 1.253 arrobas de café, 9.500 varas de pano de algodão e 865 galinhas, 420 rapaduras, 12 couros de veado e 15 mantas.<sup>23</sup>

---

<sup>22</sup> Exportações mineiras em 1818/1819, segundo Von Eschwege. Notícias e Reflexões Estatísticas da Província de Minas Gerais. Biblioteca Nacional – RJ, SMHs, 5,4,5.

<sup>23</sup> Arquivo Público Mineiro – PP 1/49 – Cx 07 – Doc. 02 – p. 2

---

Todos esses produtos eram transportados por meio de tropas, que voltavam do Rio de Janeiro carregadas principalmente de sal, azeite, vinho, vinagre, bacalhau e produtos de uso cotidiano, como lampiões, ferramentas, vidros etc. O caminho também era utilizado por comerciantes de escravos que subiam com suas “peças” do Rio de Janeiro em direção ao interior de Minas Gerais para abastecer as fazendas de mão de obra cativa.

No primeiro trimestre de 1821, por exemplo, descobrimos que partiram do Rio de Janeiro em direção a Minas Gerais, passando pelo Registro do Rio Preto, 278 escravos, 87 arrobas de tecidos, 3.699 cargas de sal, 92 barris de vinho, 90 armas de fogo, 203 arrobas de bacalhau, 10 arrobas de remédios, 28 arrobas de cobre, 203 arrobas de ferro, 12 arrobas de cera, 32 arrobas de louça, 130 chapéus, 120 enxadas, 11 arrobas de trigo, 9 barris de vinagre e 35 bestas<sup>24</sup>.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Caminho do Comércio insere-se no contexto histórico de uma “segunda geração” de estradas reais. Seu objetivo primordial já não era o de escoar o ouro, mas sim de facilitar o abastecimento alimentar da Corte do Rio de Janeiro.

O aprofundamento dos estudos sobre os reflexos de sua abertura e intensificação do uso pode aportar informações de relevo a respeito de uma nova dinâmica do funcionamento dos caminhos reais, quando o ouro e o diamante deixaram de ser o principal motor da economia colonial.

O Caminho do Comércio é, sem dúvida, uma importantíssima rota oficial surgida no período colonial e ao seu longo existem grandes atrativos culturais e paisagísticos, além de vários locais para a prática do turismo ecológico e cultural.

---

<sup>24</sup> Arquivo Público Mineiro, SG 66 – Doc. 54.

---

As ruínas centenárias de Iguaçu Velho, a natureza exuberante da Serra do Tinguá e as fazendas coloniais da região de Valença e Vassouras, no Estado do Rio de Janeiro; as belas cachoeiras e paisagens serranas da região compreendida entre Rio Preto e Bom Jardim, incluindo a famosa gruta do Funil; a arquitetura colonial, os sítios arqueológicos, os doces, o queijo e a cachaça de qualidade produzidos na região de Andrelândia; as fazendas e igrejas centenárias, as serras e as tradições folclóricas da região de Madre de Deus de Minas; a bela capela de São Miguel do Cajuru, com pinturas artísticas do renomado pintor José Joaquim da Natividade; as ruínas da antiga Capela do Rio das Mortes, onde foi batizada a milagrosa Nhá Chica e a imponente arquitetura tricentenária de São João del-Rei, idealizada pelos inconfidentes mineiros como a capital da sonhada república da liberdade, são pequenos exemplos do imenso e pouco conhecido potencial turístico desse caminho, cujo itinerário precisa ser valorizado, conhecido e divulgado.

## **BIBLIOGRAFIA**

ABREU, J. Capistrano de. Caminhos antigos e povoamento do Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia. 1989.

Abreviada demonstração dos trabalhos da Polícia em todo o tempo que a servio o Dezembargador do Passo Paulo Fernandes Viana. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. 1892, Tomo LV, parte 1.

BARBOSA, Waldemar de Almeida. História de Minas. Belo Horizonte. Vol. 1. 1979.

BUNBURY, Charles James Fox. Viagem de um naturalista inglês ao Rio de Janeiro e Minas Gerais (1833-1835). Belo Horizonte: Itatiaia. 1981.

CINTRA, Sebastião de Oliveira. Efemérides de São João del-Rei. 2ª. ed. Belo Horizonte: Imprensa Oficial. 1982.

DELGADO, Alexandre Miranda. Memória histórica sobre a cidade de Lima Duarte e seu município. Juiz de Fora: Editar. 2009.

---

Exportações mineiras em 1818/1819, segundo Von Eschwege. Notícias e Reflexões Estatísticas da Província de Minas Gerais. Biblioteca Nacional – RJ, SMHs, 5,4,5.

LENHARO, Alcir. As tropas da moderação. O abastecimento da Corte na formação política do Brasil. São Paulo: Símbolo, 1979.

LOPES, Walter de Mattos. A Real Junta do Commercio, Agricultura, Fabricas e Navegação deste Estado do Brazil e seus Domínios Ultramarinos: um tribunal de antigo regime na corte de Dom João (1808-1821). 2009. 211f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

MAGALHÃES, Rodrigo. Descoberto da Mantiqueira. O sertão proibido do Rio Preto. Rio de Janeiro: Interagir. 2018.

MATOS, Raimundo José da Cunha. Corografia Histórica da Província de Minas Gerais (1837). 2 vol. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

PEIXOTO, Ruy Afrânio. Imagens Iguaçuanas. Tipografia do Colégio Afrânio Peixoto. Nova Iguaçu, Rio de Janeiro. 1968.

RIBEIRO, Edson. Uma viagem a Iguassú através da cartografia. Rio de Janeiro. Amigos do Patrimônio Cultural. 2010.

RODRIGUES, André Figueiredo Os sertões proibidos da Mantiqueira: desbravamento, ocupação da terra e as observações do governador Dom Rodrigo José de Meneses. Rev. Bras. Hist. vol. 23 no. 46 São Paulo 2003.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem às nascentes do rio São Francisco. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

SANTOS, Márcio. Estradas Reais. Introdução ao estudo dos caminhos do ouro e do diamante no Brasil. Belo Horizonte: Editora Estrada Real. 2001.

TAMBASCO, J. C. Vargens. A Vila de Vassouras e as Freguesias do Tinguá. Vassouras. 2004.

VAINFAS, Ronaldo. NEVES, Lúcia Bastos Pereira das. Dicionário do Brasil Joanino. 1808-1821. Rio de Janeiro: Objetiva. 2008.

VASCONCELLOS, Francisco de. Conexão Rio Preto. De Saint-Hilaire a Fox Bambury. Petrópolis: Edgital. 2010.

WALSH, Robert. Notícias do Brasil (1828-1829). Belo Horizonte: Itatiaia. 1985.

# IV

## *Discursos*

---



---

## Roberto Atílio Jávare

Ilustres Advogadas e Advogados!

Senhoras!

Senhores!

Agradeço imensamente a oportunidade de estar com os senhores nesta data tão significativa. Especialmente por ser-me proporcionada a regalia de usar da palavra e poder proferir esta modesta saudação.

Não é sem motivo que estamos hoje aqui reunidos. Considero de suma validade qualquer reunião que se faça visando ao conagraçamento da classe. Porém, estamos em pleno mês de agosto, ocasião em que se comemora a Semana do Advogado. E é uma das tradições da Ordem dos Advogados do Brasil lembrar anualmente que neste mês foram implantados os cursos jurídicos no país.

Entendo, pois, oportuna e benvinda esta iniciativa da Trigésima Subseção da Ordem dos Advogados, através de sua nova e atuante diretoria, com integral apoio e participação do seu dedicado e talentoso Departamento Feminino.

Demais disso, se é fundamental rememorar a criação dos cursos jurídicos no Brasil, mais valioso ainda será cumprimentar àqueles que tiveram a felicidade de neles conseguir ingressar e, por esta via, tornarem-se bacharéis. E, ainda mais, àqueles que tiveram a glória de lograr inscrição nos honrosos quadros da

---

Ordem, desde que, é sabido e reiterado, somente assim é permitido ao profissional do Direito legalmente habilitado orientar os seus clientes, em juízo ou fora dele, aconselhando-os e defendendo, sob a fé de seu grau, todos os interesses que lhe foram confiados.

No entanto, sabemos que não ficam somente nessas funções o exercício da advocacia.

Forçoso reconhecer que o Brasil busca sua afirmação como novel democracia, encontrando-se em franco e necessário desenvolvimento cultural e social, em incessante procura para melhorar as relações em face dos outros países, tanto diplomática quanto comercialmente. É mister que os Advogados, cientes de sua capacidade profissional e de seu importante *status* na sociedade, unam-se também nesta difícil batalha em benefício de um Brasil mais livre e desenvolvido.

Com efeito, fala-se muito hoje em dia em punição aos casos de corrupção, na urgência de uma reforma agrária e uma nova constituição parece ser iminente. Sintam, senhoras e senhores, como é necessária, senão imprescindível, a participação ativa e efetiva dos profissionais do Direito nesses objetivos. Com certeza, a Ordem dos Advogados não pode ficar omissa, sob pena e quedar-se em dívida para com a Nação.

É cediço que existem as normas jurídicas para que os homens, de qualquer nível social ou grau de instrução, possam conviver harmonicamente. E essas normas, editadas e mantidas pelo Estado, são competência e realização dos profissionais do Direito.

Convenhamos que todas as profissões são necessárias e têm o seu valor.

De que valeria os engenheiros construírem os modernos e confortáveis edifícios se não existissem meios de coordenar a coabitação de seus moradores? Se os médicos salvam vidas com a mais a mais avançada técnica, inclusive com a substituição de

---

órgãos, de nada serviria a esses pacientes saírem recuperados dos hospitais sem a certeza de ter assegurada sua livre presença do seio familiar e social.

Os agrônomos trabalham há anos para dar mais alimento ao brasileiro, pesquisando meios de maior produtividade nas terras para cultivo. Sempre alcançam o seu intento, produzindo cada vez mais e tornando ainda mais saudáveis as plantações. Porém, tudo isso seria inútil se os proprietários dessas terras não tivessem garantido o pleno direito de sua propriedade, de sua colheita e da liberalidade na distribuição de seus produtos.

O que dizer, então, da segurança e garantias daqueles que consumiriam referidos produtos?

Para que tudo isto seja considerado e assegurado, óbvio, são imprescindíveis as regras jurídicas, que aos senhores e senhoras cabe zelar e preservar.

Ainda quando estas normas são perturbadas, é das senhoras e dos senhores a responsabilidade pelo seu restabelecimento, por intermédio dos meios e ações apropriadas.

Penso bastante demonstrado, senhoras e senhores, o quanto é nobre e valiosa a profissão do Advogado. Sem desrespeito ou desprezo a quaisquer outras, reputo a missão do jurista a mais importante em uma sociedade política e juridicamente organizada.

Como era de se esperar, tamanha labuta serve para tornar o desempenho da advocacia imensamente árduo e desgastante. Todavia, ele se faz compensador e gratificante quando o profissional o exerce com determinação, competência, honradez e bravura moral.

Chega a ser sublime quando advoga a defesa do débil economicamente frente aos mais poderosos; quando exercida gratuitamente a favor dos pobres; e, sempre, quando traduz a irrestrita dedicação à causa da liberdade e da democracia.

---

O Advogado, acima de tudo, há de ter fé nas Leis e na Justiça. Deveras, as leis existem e devem ser a bússola e o bastião do Advogado. Afinal, a Justiça existe e é obedecendo às leis que conseguiremos atingi-la e mantê-la em sua plenitude.

É hora de o Advogado conscientizar-se que a qualidade da Justiça depende mais da nobreza daqueles que aplicam as leis do que a qualidade das próprias leis.

Eis porque ao jurisconsulto – Advogados, delegados, juízes e promotores – é atribuída tão laboriosa, mas enobrecedora tarefa.

Permitam-me, prezados amigos, abrir um parêntese.

Tão delicada, digna e recompensadora como o exercício da advocacia é, sem dúvida, a sina dos pais. Na lida diária para a educação dos filhos, os pais são contemplados com a tríplice incumbência: acusar, defender e, outrossim, julgar comportamentos. Arvora-se, nessas circunstâncias, nas funções de promotor, Advogado ou juiz.

Uso desta oportunidade para homenagear a todos os pais pela comemoração do dia a eles reservado, fazendo-o na figura do ilustre doutor Peluso, meritoriamente escolhido por esta Trigésima Subseção para o ato, uma vez que o insigne amigo sempre fez honras às tradições de pai e de Advogado. Nesta data marcante, cumprimento e abraço a todos os pais, advogados ou não, na figura do doutor Peluso, desejando-lhes muita paz e saúde.

Lado outro, a Semana do Advogado, pelo menos aqui em Ubá, merece comemoração dupla. Esta subseção acaba de conquistar mais uma estrela para seus quadros. O querido doutor Wilmar, meu estimado colega recentemente aposentado, passa a integrar a douda classe advocatícia. Depois de muito tempo honrando o Ministério Público mineiro com sua dedicação, cultura e amizade, o doutor Wilmar prosseguirá sua brilhante carreira, exercendo agora a advocacia.

---

Benvindo de volta ao fórum, doutor Wilmar, e muito sucesso!

Para finalizar esta pequena, mas sincera saudação, gostaria de conclamar aos ilustres Advogados de Ubá para a necessidade de diálogo e de união. Divergências doutrinárias existiram e sempre existirão. O contrário seria o caos. Entretanto, devem elas ser enfrentadas e debatidas com seriedade, sensatez e respeito.

Nunca será demais relembrar que o valor maior dos profissionais do Direito é o de pelear sempre, incansável e destemidamente, pela vitória do Direito, da Verdade e da Justiça!

Parabéns senhoras Advogadas!

Parabéns senhores Advogados!

Meu muito obrigado!



V

*Autores convidados*

---



### **Laryssa Pires Miranda Chaves**

Rua Pedra Bonita esquivava com Avenida Amazonas. Rua estreita, trânsito, intenso, horário de pico, motoristas buzinando. Bem na minha vez de sair da confusão, o sinal fechou.

Alheio ao barulho do local, um senhor começou a atravessar a faixa de pedestre, tranquilamente, corpo ereto, passos lentos, como deveria ser o tempo de todos.

A elegância chamou minha atenção: blusa de manga comprida incrivelmente branca e impecavelmente passada, calça social, cinto e nos pés, um conhecido chinelo havaianas.

A originalidade da cena me fez rir e no meu deleite, não percebi que o senhor me olhava fixamente. Caminhou em direção à janela do meu carro e flagrantemente fingindo uma cara brava, perguntou:

Ele: “Boa tarde. A senhora está rindo de mim?”

Eu: “De forma alguma. Eu estou sorrindo para o Senhor”

Ele: “Ah!! Ganhei o dia. Minha mulher brigou comigo, falou que era ridículo eu sair com “as minhas chinelas”. Pois vou contar para ela que ninguém riu. Mas que uma mulher bonita sorriu para mim.”

E se afastou rindo, e eu fiquei no carro, sorrindo. E me lembrei de ter lido hoje na postagem de um amigo: Parem tudo! O amor venceu!!!

### **Laryssa Pires Miranda Chaves**

Saindo da academia hoje cedo, na correria de toda manhã (por que será que as manhãs são tão corridas?) encontrei meu carro no estacionamento com o pneu furado. Depois do “ah nem...” instantâneo, seguindo o conselho do rapaz que estava por perto, me dirigi à oficina mais próxima “porque lá tem borracharia”, como me aliviou o moço.

Enquanto esperava o simpático borracheiro para descobrir o problema do pneu que já estava mergulhado em uma banheira, entrou no local um carro e dele desceu uma mulher.

Nervosa, pediu para falar com o dono. Este então se apresentou e ela foi logo dizendo que há dois dias tinha pegado o carro ali na oficina e que desde então o rádio ligava e desligava sozinho. Até com o carro desligado, o rádio ligava. Que alguém ali havia feito alguma coisa porque, quando ela entregou o veículo, isso não estava acontecendo.

O mecânico, então, ignorando a braveza da dona, questionou que eles apenas haviam trabalhado na lataria do veículo e que, por certo, o problema do rádio não era responsabilidade da oficina, mas que ela podia deixar o carro ali. Ele olharia o problema e faria um orçamento e retornaria.

Aí a mulher ficou uma fera!! “Como é que é????” Disse que não iria deixar o carro, que tinha urgência em resolver o problema, e “que orçamento que nada”, a culpa era deles, eles tinham que “resolver agora!”

---

O mecânico mais uma vez não se alterou. Calmamente disse a ela eu pela urgência da situação, achava melhor ela ir a um Centro Espírita ou a uma Igreja, dependendo da crença. Porque esse negócio de rádio que liga e desliga sozinho... “Sei não... às vezes precisa de um descarrego...”

Não vou reproduzir os palavrões, digo, apenas, que a mulher saiu dali arrancando o carro e ameaçando uma volta com a polícia.

Quanto a mim, já com o pneu sem prego, saí morrendo de rir e me lembrando do saudoso Álvaro Pulseirinha.

Álvaro foi um dos bons amigos do meu pai. Boêmio, engraçado, fez parte da nossa vida durante minha adolescência. Muito desregrado, bebia e fumava demais, chegando uma época em que mal se alimentava. Claro que morreu ainda muito jovem, vítima de uma pancreatite impiedosa.

Me lembro da gente no hospital, papai muito choroso lamentando o descuido do amigo com a própria vida e eu angustiada, me colocando no lugar do André, ainda menino, que tinha ficado sem pai...

Pois bem. No dia seguinte ao enterro do Álvaro, pela manhã, meu pai comentou com a gente que as 2 horas da madrugada, o rádio do seu quarto havia ligado sozinho e começado a tocar uma das músicas que os dois gostavam de ouvir juntos. Papai contava isso emocionado e dizia ter sido uma despedida do amigo.

Só que na madrugada seguinte, o rádio ligou sozinho de novo, e na outra noite, e na outra, sempre as 2 da manhã... Começamos a ficar com medo. Meu pai, católico, não deixava a imagem de Nossa Senhora das Graças sem uma vela acesa e rezava para o Pulseirinha encontrar o caminho da luz. Minha tia, espírita, dizia que a situação era grave: o falecido, muito preso aos vícios da vida, não aceitava a morte e rondava pelos lugares onde tinha

---

estado. Quanto a mim, ainda menina na minha fé, me lembro de dormir com a cabeça embaixo do cobertor, pedindo a Deus para “não ver nada”. E o rádio continuava ligando sozinho.

Até que minha mãe, sábia e já cansada daquilo tudo, resolveu tomar uma providência: ligou para a assistência do aparelho e pediu ajuda. Em pouco tempo recebemos o técnico lá em casa.

Após informarmos, sem muitos detalhes, o caso do rádio que tinha vida própria, em um minuto e com apenas uma olhada tivemos o diagnóstico: o alarme estava programado para despertar as 2 da manhã!

Um simples aperto de botão e Álvaro Pulseirinha encontrou a paz celestial, se despreendeu das coisas mundanas e nunca mais veio ouvir música com meu pai.

Claro que a história ficou caso de família e a gente sempre ri quando se lembra dela. E sempre que alguém a conta outro alguém termina: “era o alarme, mas sei lá...”

Aquela moça brava hoje me fez lembrar do amigo do meu pai, que morreu há mais de vinte anos, mas que está tão vivo no amor que compartilhou com a gente. E não é isso que nos torna imortais?

Que delícia aquele prego hoje no meu pneu!

### **Laryssa Pires Miranda Chaves**

Apregoadas a próxima audiência, entraram na sala pai e filho, cada um acompanhado de seu advogado. Ação de Exoneração de Alimentos e eu ali, sem necessidade legal de intervenção, uma vez que os envolvidos eram maiores e capazes.

Expectadora da dor nítida de um filho reconhecido, mas não amado... Expectadora do desconforto de um pai que não conseguiu amar o filho...

Quanto ao pedido em si, não me preocupei muito. Como conheço a Juíza e com ela já trabalho há uns bons anos, bem sabia que o filho iria continuar recebendo a pensão até completar a faculdade, ainda que a partir de hoje o valor passasse a ser um pouco menor.

Mas o conflito humano que pairava no ar me deixava inquieta e assim, resolvi começar a prestar mais atenção nos argumentos dos advogados para tentar ajudar a viabilizar um acordo.

O advogado do filho, muito bom, trazia à mesa modernas decisões e forte doutrina sobre o assunto. O do pai, mais durão, rebatia com discurso antigo, do tipo; “que ele trabalhe para pagar a faculdade, como eu fiz!”

Reparei: senhor de idade mais avançada, talvez já beirando os setenta anos; altivo, boa voz, boa oratória. Percebi na hora que de nada adiantaria “bater de frente”, como fazia o outro advogado.

Pedi licença e comecei a conversar calmamente. Contei do meu pai que me sustentou até que eu passasse no concurso; das minhas amigas cujos pais não tiveram condições financeiras de

---

fazer isso e de como foi muito mais difícil e bem mais demorada a aprovação delas; contei do Túlio que hoje sustenta integralmente a mãe. Falamos da vida e de como ela dá voltas...

De caso em caso, o advogado mais velho foi relaxando e após uma proposta aqui e outra ali, pai e filho conseguiram chegar a um acordo. Um bom e justo acordo para os dois. Um avanço, mesmo que não tenham conseguido sustentar um olhar...

Findos os trabalhos, o Senhor Doutor veio então até minha mesa e, sorridente, me agradeceu a participação. Disse que eu, “novinha”, tinha dado uma aula para um “velho de 87 anos de idade”.

Eu: “Quantos anos?”

Ele repetiu e comprovou exibindo orgulhosamente a carteira da OAB/MG: 87 anos; OAB cinco mil e pouco”.

E dali se retirou com passos firmes e sorriso no rosto, não antes de me dizer que com 90 se aposentaria!

E por ali fiquei eu, com lágrimas nos olhos, agradecendo a Deus a oportunidade diária de ver que pouco sou e que tenho muito a aprender...

### **Laryssa Pires Miranda Chaves**

Tem dias que não tem jeito. Apesar de todos os argumentos, de todo o esforço, de todas as técnicas de conciliação e mediação, as partes simplesmente não cedem e o acordo não sai. Quando é assim, não adianta a Juíza insistir em dizer “que a questão ali é apenas financeira”. Eu bem sei que a última questão ali é a financeira... Ficam no ar, no rosto das pessoas, nas entrelinhas do que é dito, todas as mágoas, os afetos não resolvidos, o que restou do amor.

Quando é assim, eu me calo, respeito. As partes saem da audiência piores do que entraram, o processo segue como uma ferida aberta e eu me frustro. Fico triste. Não gosto muito da ideia de o Estado interferir tanto na vida privada. Nenhuma sentença, numa Vara de Família, por mais técnica que seja, é melhor ou mais justa do que um acordo. Mas, enfim... muitas vezes as partes não enxergam isso e não estão prontas para ceder.

Hoje à tarde nada fluía bem. Os acordos não aconteciam e o clima estava carregado. Até que apareceu aquela Senhora para salvar o dia...

Ação de Exoneração cumulada com Revisional de Alimentos. O pai, que deveria pagar pensão alimentícia para três filhos, queria ser liberado da obrigação para com dois deles, que já haviam alcançado a maioridade civil, e continuar pagando um valor inferior apenas para a filha ainda menor.

Apregoadada a audiência, entraram todos na sala; a filha, menor acompanhada da genitora. Audiência tranquila. Os filhos maiores

---

prontamente anuíram ao pedido exoneratório e rapidamente revisamos o valor que continuaria a ser destinado a menor.

Enquanto a escrevente redigia a ata, a genitora dos requeridos começou a falar. Disse que, na verdade, o pai dos filhos nunca havia pagado o montante que devia, daí porque ela nem tinha entendido o motivo dessa ação; que a vida toda dos filhos, ele somente destinou cerca de R\$200,00 (duzentos reais) por mês, sendo que a obrigação fixada judicialmente quando do divórcio, era bem superior. Que nunca pensou em cobrar na Justiça os valores remanescentes porque, bem ou mal, ele era pai dos meninos e não iria expor os filhos a isso. Que sempre trabalhou como ambulante, vendendo pão de queijo e café pelas ruas e assim, sustentou os filhos e hoje ela ia aproveitar para dizer que toda a luta havia valido a pena: ela tinha três filhos ótimos, responsáveis e honestos.

O desabafo da senhora foi tão forte, tão emocionante que até a Juíza, sempre tão formal e distante, deu um sorriso e de forma carinhosa, a parabenizou e franqueou sua entrada nas Varas de Família para vender pão de queijo. E a Promotora aqui, que já estava com lágrimas nos olhos, se apressou em dizer que ela deveria vir vender nas quintas pela manhã, na Central de Conciliação, “fica cheio de gente”.

Foi então que a Juíza completou: “se bem que agora, os filhos da senhora cresceram, vão bater asas e sua responsabilidade vai diminuir”.

Aquela senhora então, simples, humilde e batalhadora respondeu com a voz firme de quem sabe o que diz: “Doutora, filho é compromisso até a gente fechar o olho”.

Anotei a frase num pedacinho de papel que estava em cima da minha mesa. Para não me esquecer nunca dela. Para não me esquecer nunca daquela mulher.

---

Quando estava indo embora para o prédio do Ministério Público, cruzei com a família na praça. Passei por eles e agradei àquela senhora. Provavelmente ela não entendeu nada. Mas sorriu. Um sorriso igual ao da minha mãe. E com ele, terminei minha tarde de trabalho em paz...

Tomara que ela vá amanhã cedo na Central de Conciliação vender pão de queijo. Vou comprar um.

### **Laryssa Pires Miranda Chaves**

Restaurante enorme, mais de cem mesas, quase todas cheias. Por incrível que pareça, o ambiente é absolutamente tranquilo, todos falam baixinho, por certo ouvindo o moço baiano, homem bonito, que lá no cantinho, em cima de um banquinho e com um violão, canta todas aquelas músicas...

Na mesa ao lado da nossa, uma família: homem, mulher e dois filhos. Na mesa em frente, a mesma cena. Num determinado momento, os dois homens se olham e como que sincronizados, se levantam ao mesmo tempo e se juntam num abraço apertado, muito apertado... O homem da mesa ao lado nitidamente chora...

Quando consegue se separar do outro, vira para o filho, um rapazinho que assistia a cena sem entender nada e fala: “Filho, este aqui, que eu não vejo há mais de 25 anos, foi meu melhor amigo na infância”. E virando para o amigo, completa: “Cara, que coisa boa te encontrar!”. E dali saem eles, abraçados, deixando as famílias sem serem apresentadas e os pratos pela metade.

Eu, que presenciei tudo, me emociono. O Túlio ri, me abraça, fala que eu sou uma boba chorona...

E lá no cantinho, o moço bonito, alheio ao encontro, canta como se não estivesse falando uma grande verdade: “A vida vem em ondas como um mar, num indo e vindo infinito...”

### **Laryssa Pires Miranda Chaves**

Acabei de ver a seguinte cena: um senhor já bem velhinho, cabecinha toda branca, carregando um balde que parecia pesado, já que ele estava todo encurvado, subia uma das ladeiras do Gutierrez.

Minha primeira reação foi parar o carro. Quando descia para oferecer uma carona, percebi que o senhor subia o morro para despejar, em cada árvore plantada no passeio, um pouco da água que carregava.

A cena me emocionou profundamente e, no mesmo instante, eu tive a certeza de que aquele velhinho não precisava da minha ajuda. Ali estava ele, num ritual de puro amor do homem por Deus. Amor simples e verdadeiro, como deveriam ser todos.

Vim embora com lágrimas nos olhos e sorriso no rosto, carregando um pouco daquele amor espalhado por meio da água. Meu dia, por certo, vai ser muito melhor agora.

**René Dentz**

Nem puramente humano, nem puramente divino  
Entre os homens e Deus  
No espaço ausente  
Na vida vulnerável  
Vazio  
Nada  
Espaço poético  
Criação

## Confinamento

---

### **René Dentz**

O mundo acelerou  
A vida não parou  
Produção, produção  
Faltou o tempo da contemplação  
No inesperado surgem as ideias  
O novo  
O mundo era sempre mais do mesmo  
Mesmidade absoluta  
Sem espaço para o nada  
Então veio a quarentena  
A casa ganhou contornos  
O espaço foi resignificado  
O tempo se mostrou  
A vida se recriou

## Corpos

---

### **René Dentz**

Corpo ferido

Corpo negro

Corpo excluído

Da escravidão à insistente exclusão

Negação

História esquecida

Memória irrealizada

Ainda não apaziguada

Perdão distante

**René Dentz**

Intocável

Se revela, mas se oculta

O infinito entre nós

Razão e desrazão

Caos, ordem

Vida, morte

Transcedência na imanência

Linguagem poética

**René Dentz**

O humano escapa  
Conceitos insuficientes, gestos aparentes  
Vida fluida  
A naturalidade foge  
Conceitos violentos  
Plurais são os ventos  
Como uma brisa sem rumo  
Organizada e caótica  
A vida descontrói no infinito

## **René Dentz**

O sentido fundante  
Relação num instante  
Ele ressoa no infinito  
Além da palavra, do pensar, da razão  
me coloca para fora de mim mesmo  
Dimensão da hospitalidade  
O humano está na tenda  
O outro e nós peregrinos  
Instáveis, voláteis  
Paz

### **René Dentz**

Era velório de um tio, Juliano estava ao lado de seu pai. O caixão acabara de descer. Depois de momentos angustiantes de silêncio, seu pai expressa algumas palavras, ideias que soam cortantes. Diz que lutamos, lutamos e ali terminamos, debaixo da terra. Parecia um gesto niilista, que iria gerar, nos momentos seguintes, uma extrema melancolia. Por que fazer alguma coisa na vida então?

Pensativo, o jovem tenta olhar ao redor: montanhas, céu, nuvens, verde, fumaça, túmulos, estátuas... Nada parece trazer resposta. O vazio impera. Não há sentido...

Parece que, de fato, seu pai está certo. Mas a vida não acabou, então nos resta continuar. Continuar vivendo significa continuar buscando sentido para a existência, mesmo que não encontremos nada. O pai de Juliano continua conversando com ele descendo um longo caminho de saída do cemitério.

– O que o senhor acha que acontece, pai? Depois que morremos?

– Nada, disse o pai. Nada, viramos pó.

– Mas não faz sentido. Então por que nascemos?

– É como no reino animal. Um bicho come o corpo morto do outro, as espécies continuam.

Juliano busca uma saída para “viver até a morte”.

Então o jovem precisa buscar entender, para continuar vivendo da mesma forma, ou quase. Os dias tratarão de continuar a fluidez da existência, mas, de alguma forma, aquele jovem havia sido afetado.

---

A filosofia era, para ele, uma forma de buscar entender as grandes questões existenciais. Mesmo que fossem colocadas de forma ainda enigmáticas, que apenas uma parte dos escritos fosse inteligível. O teatro, com seu horizonte poético, poderia representar também uma abertura de novos horizontes, que igualmente poderiam ser respostas ou quase-respostas.

A vida continua lá fora, a morte imperou àquele corpo, mas o cotidiano continua em uma violenta banalidade, Carros funcionam, pessoas trabalham, crianças estudam. Parece estranho na descida do cemitério seu pai dizer que eles irão agora num restaurante, almoçar. Como almoçar? Uma pessoa ficou no cemitério, enterrada e o mundo continua sua rotina normal? E a família, os primos, filhos do tio morto?

Se deparar com a morte foi algo difícil. Era um sofrimento difuso, confuso, complexo. Pareciam várias afetações ao mesmo tempo, que, no entanto, se mantinham, de alguma forma, distantes, pois era a morte de um parente que não estava tão próximo. Seu tio era um retirante nordestino, que veio ao sudeste buscar formar uma família e ter uma nova vida, com esperança. Pessoa magra, com um sorriso de fundo constante no rosto. Pessoa atenta ao outro, carismática, fazia piadas. Apesar do sofrimento do passado, parecia viver de forma leve, para ele a existência fluía como um mar calmo. A aridez do sertão parecia movimentar sua vida, a sua vulnerabilidade o tornava forte.

Momentos antes, presenciava seu rosto de defunto sereno. Estranho era uma expressão em um corpo que não tem mais alma, possivelmente. O que é o corpo de um defunto? Indagava Juliano. Não seria nada? Que tipo de matéria? Por que simplesmente não vamos integralmente para outro espaço? Mesmo não conseguindo imaginar o que é esse espaço (ou não-espaço).

---

Havia também uma estranheza do local, que era a casa de uma tia, onde Juliano passou bons momentos da infância. Aquele local agora tinha seu tio no caixão no centro da sala. Isso o deixava ainda mais confuso. Na casa da tia, lugar de alegrias e vida, agora estava a morte. Era realizado o velório, fenômeno extremo, seco, árido, causava estranhamento. A sensação era de que o tempo passava, a vida havia se transformado e que a morte estava próxima, com ela a perda de sentido da vida, em algum grau desconhecido.

Para onde iria seu tio? Para onde iria sua história de nordestino retirante? Para onde iria sua alma e sua fala? E seu sorriso? Apenas lembrança, memória do passado? Estariam em lugares por onde passou? As respostas comuns se mostram como insuficientes para acalmar a alma viva.

Vai então percorrer a casa. E ali estão memórias muito vivas. A goiabeira que dava goiabas com gosto, vermelhas, com bicho, caídas na terra. O barranco atrás da casa que guardava mistérios sublimes. E a cachorra que era linda, amiga, próxima, que o reconhecia pelo cheiro. A cadelinha estava presa naquele estranho dia. Parecia sentir também o que estava acontecendo, estava parada, quieta no fundo do quintal. Ela também tinha uma relação estreita com o tio, que ia visitar aquela casa todos os domingos pela manhã. Será que a charmosa vira-lata sentia de fato alguma coisa? Em seu olhar parecia haver enigma, alma, vida. Parecia existir alguma conexão com o universo que não podíamos imaginar, nem conhecer.

Dois anos depois, aquele doce ser vivo tinha também morrido. Uma noite, Juliano sonha que o tio vivo do Nordeste, da terra, profundamente humano, estava ao lado dela, com seu pelo marrom, cor de terra, os dois tinham no rosto um sorriso sublime (sim, aquela cadelinha amável parecia sorrir). Acordou naquela manhã de domingo em paz, com uma esperança não-dita, existente.

VI

*Academia Familiar*

---



## Primeiro Amor

---

### **Luzia Maria Raeli Marchi**

Chove  
Chuva passageira  
Forte  
E tão ligeira  
Parece  
Até brincadeira  
Suas águas  
Lavando o chão

É assim  
O amor primeiro:  
Chega tão sorrateiro  
E se vai  
Como chuvas de verão.

Mas deixa  
Dentro da gente  
Germinar  
A doce semente  
Que floresce  
Serenamente  
Em cada nova estação.

## Falta de Tempo

---

### **Luzia Maria Raeli Marchi**

Pena você não ter tempo  
Para me entender ...  
Se algum dia precisar de mim  
Encontre um tempo para me ver.  
Quem sabe, se no meu tempo,  
Ainda haja tempo para você?

**Luzia Maria Raeli Marchi**

Caminhar...  
Sentir o calor do sol  
E a brida fresca do ar.  
Ver no azul do céu  
Nuvens a passear.  
Molhar os pés no riacho  
Que corre alegre a cantar,  
Levando a sua água doce  
Como um presente pro mar.  
Vem a magia da tarde...  
A noite já vai chegar...  
E sob o céu estrelado,  
Espero alguém para amar

**Luzia Maria Raeli Marchi**

Nas noites frias de inverno  
Fico esperando o meu amor  
E num abraço longo e terno  
Aqueço-me com o seu calor.

Meu corpo no seu se mistura  
Até que chega o cansaço  
E com carinho e ternura  
Adormeço nos seus braços

## Cantiga da Chuva

---

**Luzia Maria Raeli Marchi**

Bate chuva  
Tagarela  
Na vidraça  
Da janela  
Pra acordar  
O meu amor  
Ele dorme sossegado  
Não percebe  
Quer ao teu lado  
Estou morrendo  
De amor...

**Luzia Maria Raeli Marchi**

Mais um dia que passa  
Vazio e sem graça  
Falta você.

Fingindo alegria  
Com alma vazia  
Espero você.

O sonho acabou  
E a saudade chegou  
No lugar de você.

## Como Antigamente

---

### **Luzia Maria Raeli Marchi**

Era ainda adolescente  
E vivia tão contente  
Quando apareceu você.

E assim tão de repente  
O amor uniu a gente  
Sem a gente perceber.

Hoje, como antigamente,  
Vivemos tranquilamente:  
Você pra mim, eu pra você

**Luzia Maria Raeli Marchi**

Passa o tempo e eu não me esqueço  
Nem do fim nem do começo  
Da nossa história de amor.

Entreguei-me em seus braços  
Sem saber que era um palhaço  
A sorrir da própria dor.

Hoje não encontro jeito  
De arrancá-lo do meu peito  
Pra não ter mais dissabor.

## Coração Agitado

---

### **Luzia Maria Raeli Marchi**

Tranquei meu coração  
Com a chave da razão  
Para ele descansar.

Sempre cheio de ilusão  
Entregando-se à paixão  
Tendo muito amor pra dar.

Mas a vida é uma emoção  
E este pobre coração  
Não consegue se acalmar

**Luzia Maria Raeli Marchi**

Você passou em minha vida  
Como um sol da primavera  
Mostrou-me uma estrada florida  
Enfeitada de sonhos e quimeras  
Com um amor tão profundo  
E entre beijos e abraços  
Fiz de você o meu mundo.  
Mas, como passa cada estação,  
– veio o outono,  
O inverno e o verão –  
Você passou  
Deixando marcas no meu coração.

**Alzira Maria Ribeiro Araújo**

Cézanne chegou para ficar comigo.  
Convidei-o à luz maior sobre a mesa,  
pretendendo acompanhá-lo  
a uma nova oferta angular:  
o lado sóbrio do meu coração.

Centrado estava na fuga luminosa.  
Pastoreava o sol sob a montanha nunca igual  
e o feno sempre outro sob a luz.  
Convivia com o que não permanecia.  
O brilho lhe aparecia como obsessão,  
Sob a lâmina de água na tela.

– Onde está meu visitante agora?

Fugiu para o outro lado da montanha.  
Deixou o sol sobre a mesa vazia  
E o meu lado esquerdo adoecido.

**Alzira Maria Ribeiro Araújo**

Ela tinha um vestido radiante.  
O milho, nas espigas, estava verde.

Olhando pela vidraça,  
Aportou nela o gosto pelas cartas na mesa.  
Também Tereza amava a boa sorte,  
Mas seus olhos estavam desatentos.

A verdade espirava as cartas.

Lia-se a terra nua no rosto de Tereza.  
Havia exterioridade na destreza das letras.  
Havia remanso nos ramos da amoreira.  
A vida era curta por momentos.  
Grande era a aflição diante da morte.

**Alzira Maria Ribeiro Araújo**

No quintal em desarrumo,  
o sol da despedida, alaranjado,  
foi se trancar na amoreira em flor.  
Escutei sua voz prometendo voltar,  
Assim que o homem das horas  
Apagasse o marcador.

A vida era calma como massa fermentando.

Tereza não soube de indagações novas.  
Permaneceu em silêncio. Apenas anunciou:  
– Há coisa que preciso fazer.  
Escutei a porta se fechando  
E um abandono tomando conta  
Dos ponteiros sobre a mesa.

**Alzira Maria Ribeiro Araújo**

Enquanto caminhava entre touceiras mortas  
Pensou – quem de fato ama...

A mão de Deus estava na manhã.

Houve um zumbido no silêncio,  
Um bater apressado de portas.

Alguém que amou e não ama mais  
deixou vazio o quarto de dormir.  
a mesa posta,  
a fruta partida na fruteira branca.

**Alzira Maria Ribeiro Araújo**

Chegaram juntos para o descanso:  
bacia sob temperatura branda,  
os pés deslizando coisas.

Ela deitou folhas perfumadas  
sobre a água morna,  
afogueando a intenção do agrado.

Estivesse eu longe,  
não veria a bacia com a água,  
os ramos de aroma,  
nem o breve descanso.  
Teria sido tarde para o meu olhar.

**Alzira Maria Ribeiro Araújo**

O rosto expulso da cidade  
foi levado ao túmulo.  
Rezaram com o pretexto de aguardar.  
Ninguém me espera, ouviram.  
Era razoável o impacto da voz,  
no silêncio sob o olhar.  
Era razoável que alguém cantasse.  
Abriu-se uma sombrinha colorida  
em meio a tudo  
e o sol se pôs sob o tecido cru.  
Vinha do silêncio um rebanho sem culpa

**Alzira Maria Ribeiro Araújo**

No esquecimento, não mais pergunta:  
lembra no coração.

Há sinal de rio em seus ombros ossudos  
e um fluir de gestos perdidos.

Encomprida-se o tempo nos lábios,  
aguardando algum fato que não vem.  
Na visita ao monumento, observou  
Galhadas de árvores saídas da sacada.  
Na praça, a vista levantou voo:  
Hasteou o mundo.  
Quero me despedir, disse.

### **Alzira Maria Ribeiro Araújo**

Quando Deus distribuiu as coisas,  
mesmo as abstratas, disse que era bom.  
Sobrou para mim um medo sem propósito  
e, mesmo assim, Ele disse que era bom.

Olhei o quadro na parede  
e disse: – por enquanto.

Vieram palavras habitar meu mundo  
e a epifania se explicou.

Recebo das mãos de Tereza o mandado:  
– escreve.

**Alzira Maria Ribeiro Araújo**

Transvestidas em folhas podres,  
Sob um véu no meu jardim,  
As palavras se empoleiraram  
como galinhas no galho da árvore.

Balançando folhas secas da amoreira,  
junto ao monte, mais e mais  
folhas podres no jardim.

Agora sei por que chorei,  
Sobre o monte e ajuntei.

**Alzira Maria Ribeiro Araújo**

As galinhas vão para os poleiros,  
os homens voltam cedo do trabalho.

Anoitece.

A grama rente à poda exala o cheiro.  
O trem passa e, nem de dentro nem de fora,  
A mão acena para alguém.

(A quem darei essa memória,  
se falo, ainda hoje, deste lugar?)

O trem passa silencioso.  
No bolso de Tereza, o aceno.

### **Contribuição de Cidinha Ribeiro**

Por acaso ela nasceu e no ocaso se perguntou por que existir. Cores se fazendo e se desfazendo no horizonte responderam-lhe ser preciso criar para viver. “Da arte surgem coisas impossíveis. E, por serem impossíveis, dispõem-se ao uso da fantasia.”

No mundo dela, tudo foi criado à revelia de um mando. Fez-se a chuva, fizeram-se o Sol, as plantas e os animais. Fez-se o homem, não à semelhança de quem veio primeiro, mas único, como só a imaginação o vê. Assim a arte o concebeu.

Fez-se depois a mulher, diáfana e transitória. Plena, a inspiração se deitou sobre folhas secas, à espera. E ouviu ruídos de passos. A fêmea se foi na fugacidade da hora, e suave perfume de jasmim falou sobre sua passagem ao que foi criado antes.

A intuição antecipou a falta no finito tempo da permanência. Ele se fez sopra, ela, fonte. Gestaram a delicadeza.

Fez-se a chuva, volúvel e faceira. Seu corpo formou-se por filamentos, unidos e separados ao sabor do vento. Se há brisa, eles dançam. Na ventania, eles correm. E os dois sempre se encontram na correnteza, fugindo para o mar.

Das mãos, feitas criaturas livres, vieram colorido e fios entrelaçados para formarem enredos. (A policromia pinta além da palavra tecida. Cenas eternizam instantâneos proibidos de se guardarem. Expostas em paredes nuas, testemunham o caminhar de mulheres e de homens visionários. A luta se expõe e se interpreta no enredar da linha.)

Saíram daquelas mãos palhaços a cismar. Seus olhos são tristes; suas bocas sorriem. Surgiram meninas de vestidos rendados, engomados, e meninas maltrapilhas, sujas.

Nasceram delas palácios e choupanas, libertos e escravizados, riqueza e miséria. (O contraditório é celeiro de perguntas sem respostas, de viagens sem roteiro, de dúvidas sem clareza. Palcos e bastidores, a vida em mutação.) Daquelas mãos saíram sombra e luz. Das sombras, surgem figuras de expressão fria, capazes de assustar; e a luz evidencia suavidades como pequenos miosótis salpicados nos cantos de toalhas brancas.

Os dedos, entre tantos encargos, vão ao fundo e regressam. Na descida, chegam à enseada, onde embarcações atracam depois de viagens demoradas. Mas os homens viajantes cantam o agora, e os barcos partem outra vez.

Letras impressas são reunidas a outras tantas pensadas, e os dedos escrevem as notícias vindas de longe, deixando em desassossego palavras prontas. Eles voltam à enseada, e poemas se formam entre ausências dos navegantes.

Os olhos buscaram o invisível para sugarem dele a novidade. O que foi encontrado não tem lado direito ou avesso, não esconde segredos atrás das dobras. Também não reage ao ser moldado. É fertilidade e benevolência.

Do invisível aproveita-se quase tudo. De suas camadas externas, nascem os pirilampos; das extremidades, saem as lebres; as corujas vêm das camadas mais profundas, e as aves nascem de partes coloridas encontradas entre todas. Vieram do invisível as flores e a couve-flor.

Por acaso Ela nasceu e apenas no sétimo dia descansou.

Cidinha Ribeiro, em 04 de agosto de 2021.